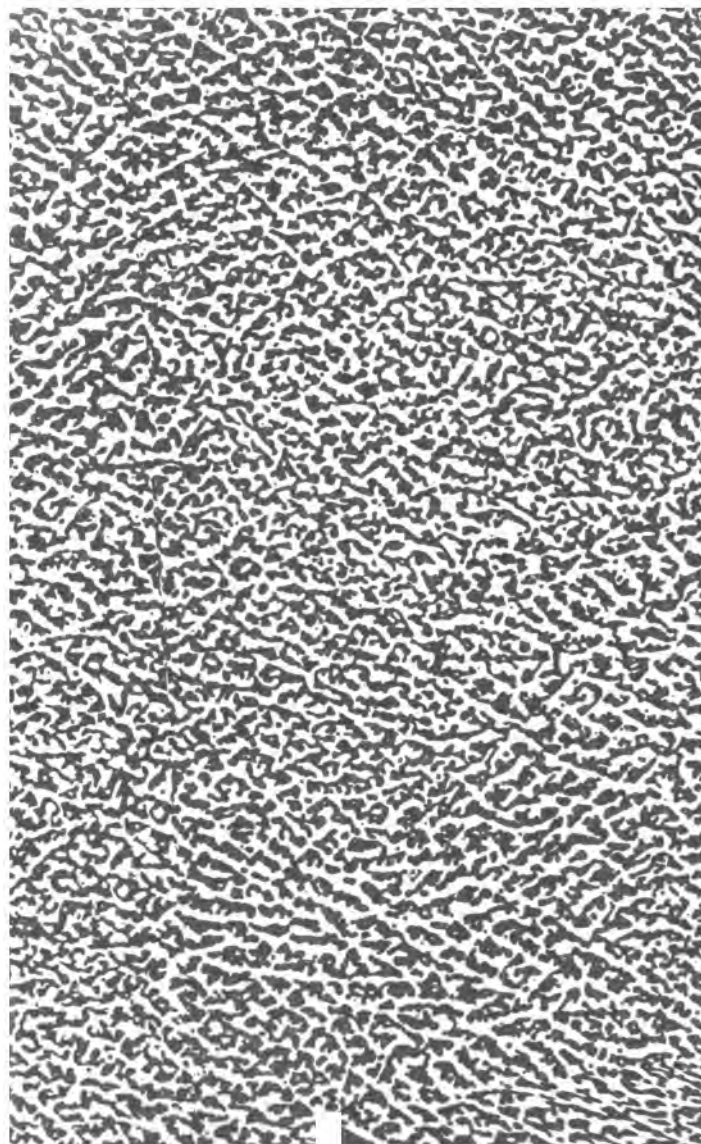
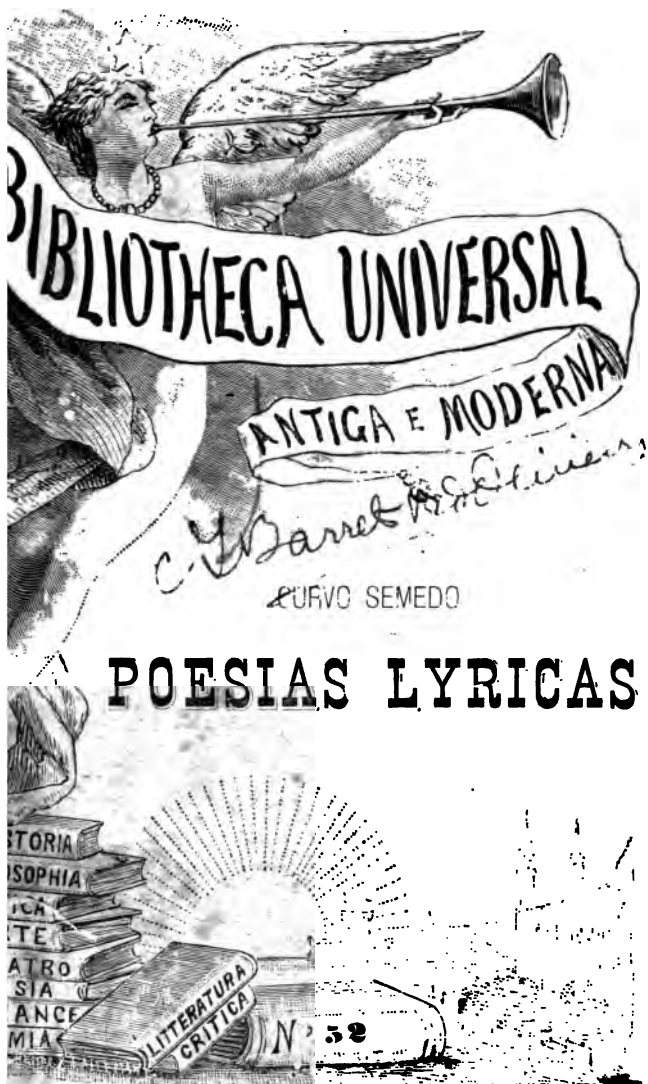
CURVO SEME

POESIAS

LYRICA

Cada volume — 100 réis

Companhia Nacional Editora

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

POESIAS LYRICAS

DE

CURVO SEMEDO

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

13.ª SERIE — NUMERO 52

LISBOA

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora de DAVID CORAZZI e JUSTINO GUEDES

40 — Rua da Atalaya — 52

FILIAES: Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar, PORTO

38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1890

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA
309, Rua da Rosa, 309
1890

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus ;
n neque chorda sonum reddit, quem vult manus, et mens.

HORAT. ART. POET. V. 345.

NOTICIA BIOGRAPHICA

Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira, mais conhecido pelos seus dois appelidos Curvo Semedo, e ainda pelo seu pseudonymo arcadico, Belmiro Transtagano, nasceu em Montemór-o-Novo a 15 de março de 1768 e falleceu em Lisboa, com perto de 73 annos de edade, em 28 de dezembro de 1838.

Foi cavalleiro na ordem de Nossa Senhora da Conceição e professo na de Christo, fidalgo da casa real com exercicio, servidor da Toalha, etc. Seus paes fôram Francisco Ignacio Curvo Semedo Torres de Sequeira e D. Marianna Barbara Freire de Andrade de Villa Lobos e Vasconcellos, de uma das mais distinctas familias de Montemór; neto de Manuel José Curvo Semedo, fidalgo da casa de Sua Magestade, e de João Freire de Andrade, mestre de campo, alcaide mór e capitão mór na mesma villa.

Attribuem-se-lhe desde muito novo testemunhos precoces de bom engenho poetico, bem como de talentos não vulgares para o estudo e applicação das sciencias exactas. Applicou-se, effectivamente, ao estudo das mathematicas nas Academias de Fortificação e Marinha, da cidade de Lisboa, onde se distinguiu tanto que alcançou os premios em todos os actos.

Foi promovido ao posto de segundo tenente do real corpo dos engenheiros, e encarregado de levantar a

carta corographica do reino e de outras commissões importantes de serviço, que desempenhou com plena approvação. Mas, por circumstancias que não são bem conhecidas, preferiu ao serviço da sua arma o logar mais pacifico de escrivão da mesa dos portos sêccos da alfandega grande de Lisboa, e reformou-se no posto de capitão.

Dava-lhe o seu emprego os ocios necessarios para se consagrar ao cultivo das lettras e n'ellas se assignalou como poeta distincto, embora adstricto ao vicioso gosto do seu tempo, do qual nem mesmo o genio de Bocage conseguiu emancipar-se.

"Chamámos *distincto poeta* a Curvo Semedo, disse n'outra parte e sob outra responsabilidade o auctor da presente *Noticia*, e só nos sobresalta o receio de lhe tributarmos, n'essa designação, um insufficiente qualificativo. Os mestres da alta critica contemporanea limitam-se a não lhe negar o merecimento litterario, deixando-o, comtudo, na plana para onde o desterrou um esquecimento immerecido.

"Um (1) louva-lhe em extremo os dithyrambos, que outro (2) em extremo deprecia. Os dithyrambos de Curvo Semedo são, em nosso entender, e salvas as restricções provenientes dos ingratos e estéreis assumptos a que são consagrados, modêlos de poesia erudita, em que o auctor soube alliar á vivacidade de um grande engenho poetico, um estudo profundo e grande malleabilidade no manejo da lingua.

"Infelizmente, macula-os em geral o convencionalismo do genero, applicado a pretextos avêssos a toda a inspiração e que os deixa para sempre assignalados com esse peccado de origem. Agita-se n'elles um poeta, como nas cavernas interiores do Etna se agitam os Titans. Mas, como estes, vê-se que está subjugado e encarcerado alli.

"Superiores, porém, aos seus dithyrambos temos para nós que o são, e muito, alguns dos seus magnificos sonetos, muitos dos seus mordazes e bem accerados epigrammas e quasi todos os seus conceituosos e

(1) Sr. Pinheiro Chagas, *Diccionario Popular*, artigo *Semedo* (Belchior Curvo). Vol. 11°, pag. 332.

(2) *Sr. Theophilo Braga, Bocage, sua vida e epocha litteraria.*

delicados madrigaes. Quem ha ahi que tenha lido, e verdadeiramente apreciado, entre estes ultimos, o seguinte:

> Soltae mais doce voz, aves saudosas!
> Brotae novo matiz, prados florentes!
> Dobrae as sombras, arvores frondosas!
> Mais fragrancia exhalae, flôres virentes!
> Que depois de uma ausencia dilatada
> Torna a vêr-vos Marilia, os meus amores.
> Porem, se virdes a cruel mudada
> A novo amante conceder favores,
> Em paga lhe negae d'essa inconstancia,
> —Melodia, prazer, sombra, fragrancia,—
> Aves, campinas, arvoredos, flôres!

E est'outro, finamente malicioso! que Voltaire, o mais habil burilador do madrigal francez e grande sacrificador nas aras do amor inconstante, de certo não engeitaria:

> Deixei, por falsa, Armania encantadora;
> Amei Natercia dura,
> Que foi tambem perjura;
> Mas era mais que Armania em tudo linda.
> Depois Celia adorei mais bella ainda:
> Deixei-a por traidora:
> Marilis amo agora,
> Que a todas na belleza se realça:
> Porém, se em falta d'ella
> Hei de ter para amar outra belleza
> O ceo permitta que me seja falsa!

N'este genero ligeiro, a poesia moderna não sabe desferir mais expressivos sons, e é sem receio de que os leitores de apurado gosto nos contradigam, que ousamos affirmar serem estas pequenas peças poeticas eguaes a muitas das mais suaves e expressivas composições do mesmo fôlego, com que a litteratura franceza se orgulha, nas pessoas do seu Banville e do seu Coppée.

Outros generos cultivou o nosso poeta e em todos revelou primores, os bastantes a proclamarem a injustiça com que a posteridade o tem tratado. Não foi pela via de uma falsa convenção, como alguem quer fazer suppôr, que Semedo foi arrastado para a corrente poetica do seu tempo; foi pela via de uma bem imperiosa e eloquente inspiração, apenas atrophiada, uma ou outra vez, nos moldes apertados do gosto da sua epocha.

moldes que, talentos superiores ao seu, genios até, não puderam quebrar de todo, irrompendo para a posteridade em novas formas litterarias, filhas de uma larga intuição do futuro e de uma vasta expansão victoriosa.

"Não podia ser um poeta de engenho mediocre, de pouca valia, aquelle que foi o mais terrivel adversario de Bocage, terrivel não tanto pela dureza dos golpes que lhe vibrou, visto que o desdouro d'essa primazia coube todo a Macedo, mas pela altivez e denodo com que terçou com elle as armas, em lucta de que o seu glorioso rival sahiu mais de uma vez mal ferido.

"D'essa pugna esteril em que os dois membros da Nova Arcadia se digladiaram e que a posteridade lhes censura com menoscabo de ambos, só queremos apurar aqui, a favor da conta em que temos os meritos de Curvo Semedo, a valentia e pujança intellectual de que este ultimo ahi deu provas. Temol-o na conta, não diremos de um grande poeta (pois a par d'elle, considerando-o tal, o que chamariamos a Bocage?) mas de um poeta merecedor de ser relido, e occupando, na historia litteraria do seu tempo, um logar proeminente assignalado por uma caracteristica e bem determinada individualidade.

"De todos os generos, porém, a que se entregou Curvo Semedo, poeta de quem a menos louvavel inspiração foi a de ter fundado a Nova Arcadia, esse ninho de rivalidades e desintelligencias mesquinhas, nenhum lhe pode assegurar mais perduravel reputação do que o genero ligeiro, mas n'essa mesma ligeireza difficilimo, da fábula e do apólogo. Aqui, entendemos que excede em muito a Filinto, e que o proprio Bocage rarissimas vezes lhe é superior."

A lucta litteraria entre Bocage e Curvo Semedo descreve-a o senhor Pinheiro Chagas assim:

"... quando appareceu o celêbre soneto com que os Arcades fulminaram Bocage, e que principiava:

Ha junto do Parnaso um turvo lago

Bocage furioso não sabendo a quem havia de attribuir o soneto, arremmetteu contra todos, e Belchior Curvo de Semedo apanhou tambem a sua dóse. O epitheto com que Bocage o mimoseou foi o de *vão Belmiro.*

Curvo de Semedo não recuou, e bateu-se valentemente com o grande poeta, sendo um dos poucos que não ficaram esmagados na lucta. O primeiro soneto que lhe disparou foi o que principia:

Morreu Bocage! Sepultou-se em Goa!
Chorae moças venaes, chorae, pedantes,
O insulso estragador de consoantes
Que tantos tempos aturdiu Lisboa.

N'outra occasião jogava-lhe o seguinte epigramma:

»Passei tres dias em fazer dez versos»
A tôfo vat. Euripedes dizia:
»Pois eu», diz elle, «faço mil n'um dia».
«Não duvido» lhe torna o sabio em troco
«Porém com esta differença, ó louco!
Que os meus dez, serão mil annos prezados,
E os teus mil, nem tres dias supportados.»

Na epistola a Quintanilha alludiu cruelmente a Bocage, porque lhe dava com balda certa, aggredia-o pelo seu orgulho, pela sua vaidade, pelos immodestos gabos que não se envergonhava de tecer a si proprio:

E é comtudo applaudido, porque um nescio
Acha outro nescio que lhe dê louvores
....
Mas hoje, para ser poeta insigne,
Basta dizer: *Componho inclitos versos.*
E, depois de vestir com falsas côres
Hyperbole ou antithese rançosa
Exclamar: *Isto é meu, isto não morre.*
O amor proprio da leis, re na a vaidade.

Como se pode imaginar, Bocage pagava-lhe com usura os epigrammas. Belchior Curvo de Semedo abusava um pouco dos diminutivos. Era a esse *tic* ou a esse defeito que Bocage alludia no seguinte soneto:

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos
As belmiricas Musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos
....
Eis Tagide louçã, de eburneo collo,
A que não vencem, por mais que lucte,
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge de agua, e lhe diz: Filhinho, escute!
Olhe com que noticia hoje o consolo!
E' poeta do rei de Lilliput.

O mais feliz de todos os sonetos vibrados por Bocage a Belmiro, é o que se liga a uma anecdota, que provavelmente não é verdadeira, porque parece antes uma imitação de outra que se conta de Quevedo e Montalvan, mas que é *ben trovata*. Diz-se que um amigo dos dois poetas, querendo congraçal-os, os convidou para jantar, e conseguiu effectivamente reconcilial-os. A' sobremesa pediu-lhes que recitasse cada um d'elles a sua poesia predilecta. Bocage recitou o idyllio do *Tritão*, e Belmiro uma em que figurava Pan. Bocage não poude resistir. Apenas Belmiro acabou, desfecha-lhe o seguinte soneto á queima-roupa:

> Belmiro, que entre os pampanos farfalha
> Affectando entoar canções divinas,
> Fez, cançado de asneiras pequeninas,
> Uma que até percebe a vil gentalha.
>
> N'esse idyllio em que Fauno irado ralha
> O divino amador das phrases finas,
> Poz o cornudo Pan, deus das campinas,
> De bruços a beber em vinea talha.
>
> ....
>
> Que mesquinhez de vate! que insolencia!
> Tudo por cinco réis, quando o mesquinho
> C'o um pucaro poupava esta indecencia.

Escusado é dizer que as hostilidades recomeçaram. A anecdota pode não ser authentica, o soneto é que o é sem duvida alguma, e é excellente.

Quando Bocage estava proximo a expirar, foi que os dois illustres poetas se reconciliaram em versos dignos do elevado talento de um e de outro. Belchior enviou-lhe uma poesia magnifica, que principiava:

> Ao som da lyra o thracio egregio vate
> Demanda as tristes regiões do luto

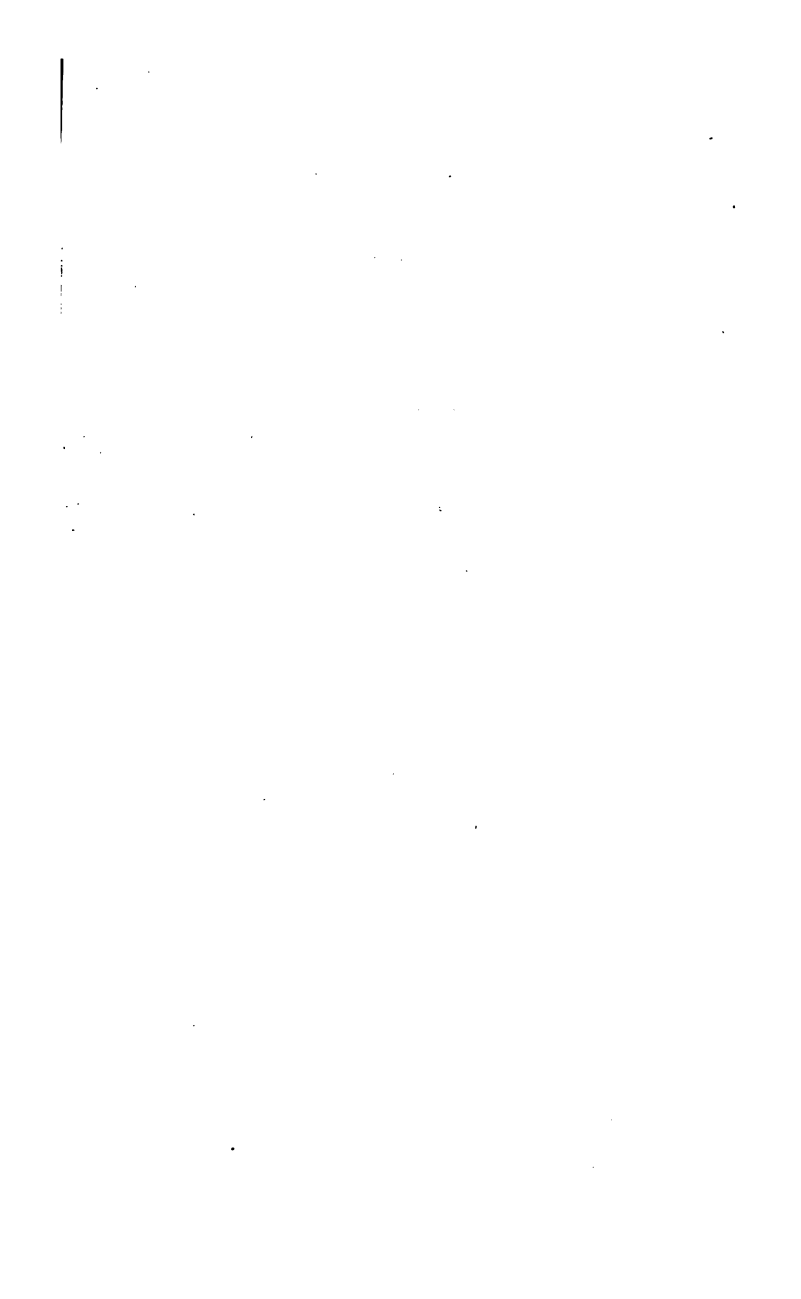
Bocage respondeu-lhe com alguns d'esses versos admiraveis que a approximação da morte parecia inspirar-lhe:

> Agora que ao seu lobrego retiro
> Como que a baça morte me encaminha,
> E o coração que as ancias lhe adivinha,
> *Debil se ensaia* no final suspiro,

Musa de Elmano, e musa de Belmiro,
Une-se a gloria sua á gloria minha;
Meu nome aguarentou com voz mesquinha.
Eu justo ao seu não fui, e a sel-o aspiro.

Belmiro sobreviveu muito tempo a Bocage, e, peior ainda, sobreviveu a si mesmo. Em 1803 publicára o 1.º e o 2.º volumes das suas *Composições poeticas*, publicou o 3.º em 1817, o 4.º em 1835. Ainda vivia, ou antes ainda vegetava. As suas faculdades mentaes tinham-se de subito apagado.

Em 1820 publicou tambem a traducção de algumas fabulas de Lafontaine, cuja segunda edição se imprimiu em 1843. Quando em 1828 D. Miguel se fez proclamar monarcha reinante, Belchior seguiu o seu partido, ou por convicção, ou para não perder o logar. O que é certo é que publicou em 1828 uma *Ode na feliz exaltação ao solio portuguez do senhor D. Miguel I*; ode que n'esse mesmo anno se imprimiu, mas que não foi incorporada no 4.º volume das suas obras completas, o que bem póde perceber se, quando nos lembrarmos que esse volume se imprimiu em 1835.

Havia uns poucos de annos que Belchior Curvo de Semedo estava quasi idiota, quando morreu em Lisboa em dezembro de 1838, com perto de 73 annos de edade, como dissemos.

IDYLLIOS

I

Nos olhos d'Ilvia se fizeram fortes
Dois trefegos Cupidos,
Que armados sempre de farpões buidos
Feriam peitos, perpetravam mortes.

Eu que zombava dos mortaes feridos,
Vêr Ilvia desejava;
Mas sempre cauteloso receava
Ser victima dos Numes fementidos.

D'um freixo á sombra, quando o não cuidava,
Ilvia encontrei dormindo,
Então dôce prazer n'alma sentindo,
Céos! disse, *alcanço o bem que procurava.*

*Posso agora observar seu rosto lindo
Isento de temores:*
Porém, triste de mim, um dos Amores
Velava, e esteve meu projecto ouvindo.

Farpões tira d'aljava matadores,
E de impiedade cheio,
Em quanto em vêr a nympha me recreio,
Me atira um dos cruentos passadores:

Depois lançando em mim, que em vão pranteio
De máguas negra turma,
Me diz: *Teme a belleza, ou velle, ou durma,*
E apprende não zombar do pranto alheio.

IDYLLIO II

Da fria, tarda lua o meio rosto
Do sol na ausencia a terra alumiava,
Uma noite do estivo ardente agosto.

Quando eu tranquillo ao somno me entregava
Debaixo de frondifera parreira,
Que a porta da cabana me assombrava.

Logo de sonhos chusma lisonjeira
Na mente perturbada me esculpia
Marcia, a nympha melhor d'esta ribeira:

Ora que a frente lhe beijava cria,
Ora que as mãos de neve lhe affagava,
Ora que em mares de prazer morria.

Eis quando mais gostoso isto sonhava,
Chega de Amores turbulento bando
Ao sitio onde eu tão lêdo repousava:

Qual desafia os zephyros voando,
Qual na lucta convem, qual na carreira
Qual se demora as frechas implumando:

Trepam-se outros acima da parreira,
E equilibrios fazendo, voltas, saltos
Cae-me um em cima, folhas e poeira.

Acordo no maior dos sobresaltos,
E ao vêr disturbio tal, com torvo gesto
Aos numes grito de socego faltos:

"Já que turbaes meu somno, eu vos protesto,
Que o brinco da parreira acheis frustrado,
Se tornardes aqui, bando funesto.

"Quando me via de prazer banhado
Com Marcia n'um transporte confundido.
Cortaes meu gosto, apenas começado..

N'isto o cruel que havia ao chão cahido
Cravando-me um farpão. com voz agreste
Me diz, vaidoso de me haver ferido:

-Pois que ao teu sonho tanto apreço déste.
Cança-te em vêr se gosas acordado
O que lograr dormindo não pudeste..

Eis depois da sentença haver firmado,
Sobe aos ares, fazendo longos giros,
E vae da chusma inteira acompanhado
Rindo, e brincando ao som de meus suspiros.

IDYLLIO III

O Fauno

Uma Naiade bella desdenhosa,
As aureas tranças penteava um dia,
Na margem d'uma fonte deleitosa.

A sombra que dos alamos cahia,
O sopro d'um Favonio lisonjeiro
Do intenso ardor seus membros defendia.

Occulto a vigiava d'um vimeiro
Fauno (1), campestre Nume, suspirando
De seus brilhantes olhos prisioneiro:

(1) Para poder adornar este meu Idyllio de expressões vivas, e sentimentos expressivos tomei para protagonista o mesmo Deus Fauno, lembrado do preceito de Horacio:
Silvis deducti caveant, me judice, Fauni etc. *Art. P.* V, 242.

Com viçosos jasmins de quando em quando
Lhe atirava, que n'agua transparente
Iam trémulos circulos formando:

A Naiade mimosa erguia a frente,
E a uma, e outra parte de assustada
Volvia os garços olhos diligente.

Solta Fauno de gosto uma risada,
E d'um pulo se esconde a nympha bella
No liquido crystal sobresaltada:

O Fauno salta em seguimento d'ella,
Deitando-lhe subtis seguros laços;
Porém não pode conseguir prendêl-a.

Ora ancioso nas aguas mette os braços,
Ora com meiga voz a desafia,
Ora fica escutando alguns espaços.

Mas vendo, que assim nada conseguia,
Torna a esconder-se n'um vergel frondoso,
Por vêr se a nympha sem temor sahia.

D'alli fitando a orelha cuidadoso,
D'agua os olhos não tira, e pranto exhala
Contra o motim das aves de raivoso:

Mal respira temendo amedrontal-a,
Té qu'impaciente de tão longa espera,
Descendo á fonte d'esta sorte fala:

-Nympha cruel, tão linda como fera,
Surge d'agua outra vez, por um momento
Com teu semblante meu pezar modera:

-Ah! se te escondes por me dar tormento,
Afaga-me, depois torna-te esquiva,
Que assim me farás damno mais violento.

-Contra mim te aconselho, que é tão viva
Minha paixão, que em troco de lograr-te
Soffrer não temo pena mais activa.

-Acaso é culpa, dize, idolatrar-te?
Se maltratas quem faz por ti finezas,
Que farás a quem busque maltratar-te?

-Não sei por que motivo me desprezas:
Por ti peno, por ti me inundo em pranto;
E a ter de mim piedade não te avezas.

-Não sou tão feio, que te cause espanto:
É meu corpo membrudo, é vigoroso,
Danço a compasso, com doçura canto.

-D'olhos pequenos sou, d'olhar fogoso,
D'hirtos anneis o meu cabello é cheio,
Sou cornifronte, bem talhado, airoso.

-Mas se inda me desprezas por ser feio,
Vê que a filha gentil da espuma fria
Do Deus mais torpe, a ser esposa veiu.

-O céo não deixa impune a tyrannia,
Anaxarete em pedra não mudára,
Se ás máguas d'Iris attendesse um dia.

-Quem me déra, que o mesmo céo usára
Comtigo, ó nympha, porque então meu pranto,
Como as pedras abranda, te abrandára!

-Se na Lybia nasceste não me espanto,
Que folgues de causar crueis pezares,
Mas se não, como podes fazer tanto!

-O que perdes prevê se mallograres
Um amor tão fiel, tão verdadeiro,
E o que lucras tambem, se me adorares.

-N'uma das fragas d'aquelle amplo outeiro
Se entranha a gruta minha, corôada
De fresca murta, florido azareiro.

-Alli sobre meus braços reclinada,
Se terna ouvisses os meus ais vehementes,
Poderas, nympha, ter feliz morada.

"As parreiras c'os alamos frondentes
Lhe tecem fresco pavilhão viçoso,
Que a livra das crueis calmas ardentes:

"De verde acantho, de alecrim cheiroso
Se alastra o chão; á porta vive atado
Um zephyro, que adeja prassuroso.

"D'alta rocha um ribeiro despenhado
Manso lago lhe vem formar deante.
De vimes e de cannas sombreado.

"No ramo o terno rouxinol velante
Com gorgeios subtis d'alli s'escuta.
A pena divertindo á triste amante.

"De caça, e peixe abunda a minha gruta.
E em molle colmo n'um recanto interno
Guardo encarnada saborosa fructa.

"Ruge-me preso contra o frio inverno,
Que as carnes córta, os membros enregela.
Em rica talha, salutar Falerno.

"Não, no mundo não vês outra mais bella;
Muitos amigos meus a tem gabado;
Deu-m'a Silvano, e Pan bebeu por ella.

"Bromio risonho alli se vê gravado
Junto de larga, corpulenta dorna
Libando um copo de crystal dourado.

"Nympha louçã, que d'hera a fronte exorna.
Quer furtar-lh'o, e parece, que ás risadas
Por cima o vinho com puxões lhe entorna.

"Vê-se tambem nas ondas azuladas
Cypria, regendo em concha de mil côres
De rosas mansas pombas arreadas:

"Verdes Tritões ás costas c'os Amores.
De roda as leves caudas meneando.
Á deusa os olhos piscam brincadores.

-Vê-se o caso de Dafne miserando,
(Menos dura que tu) e d'outra parte
Mil scenas d'amor fero, e d'amor brando.

-Tudo teu é, não tenho mais que dar-te,
Que o mesmo terno coração, que tinha,
Perdi no instante que cheguei a olhar-te.

-Não te apanho, ao teu Fauno te avizinha
Vem vêr se pulsa, a mão põe n'este peito.
Verás que isto não é fabula minha.

-Não sei, não, que mais faça a teu respeito!
Só se queres, que ás mãos do mal vehemente
Acabe a vida em lagrimas desfeito.

-Se isto é teu gosto morrerei contente:
Mas vê, que de teu genio um padrão deixas.
Que ha de infamar teu nome eternamente.

-Nada, nada te abrandam minhas queixas:
Ah! que ou fôste de marmore formada,
Ou a meus échos teus ouvidos fechas.

-E's mais córada, que a romãa córada;
Mais alva, que o jasmim; tens mais belleza.
Que a roxa Aurora na manhã dourada.

-Mas que tigre ha tambem com tal fereza.
Que se eguale comtigo, ou rocha dura,
Que tenha, como tens, tanta dureza?„

Assim clamava cheio de ternura
O triste Fauno, a voz interpolando
Com lugubres gemidos de amargura:

A fonte um pouco esteve contemplando
Com gestos mil, depois n'agua insoffrido
Mette de novo os braços titubando.

Mas vendo o fructo de seus ais perdido.
Convertendo em furor tantas finezas,
Clama outra vez d'est'arte embravecido:

"Sobre ti chovam (já que assim desprezas,
Ingrata Nympha, meus fieis amores)
Negras desgraças, languidas tristezas.

"Nas margens tuas não rebentem flôres;
Turbem-te as aguas serpes venenosas,
Livrem de ti seus gados os pastores.

"Não cantem n'este sitio aves saudosas;
E Amor t'enrede, por maior castigo,
Com quem te cause mil paixões zelosas.

"De todos horror sejas .. mas que digo?
Eu mesmo que te amei tão terno, e brando,
Já me desprezo de falar comtigo.."

Disse, e bramindo, os pés aligeirando.
Se entranha por asperrimos abrolhos,
As lagrimas raivosas alimpando,
Que lhe ferviam nos irados olhos.

IDYLLIO IV

BELMIRO, E LERENO

Lereno

Agora, que rumina o manso gado.
(Balando de hora em hora), o molle feno
A' sombra do arvoredo rebanhado:

Canta, Belmiro meu, canta a Lereno
Os dôces versos, que á rosada Elvira
Cantaste á sombra n'este bosque ameno.

Que sei, que a Bella quando t'os ouvira.
Nos troncos alguns d'elles entalhara,
E ind'hoje quando os lê d'amor suspira:

Cantando, quem comtigo se compara!
Na côrte, onde viveste annos inteiros.
Tens de insigne cantor fama preclara.

Comtudo o mais vaidoso dos roupeiros
Teu canto humilde achou, tua voz rouca.
Gil, mordaz grasnador d'estes outeiros.

Para vãos improperios só tem bôcca.
E é sempre quando fala, ou quando canta
Em phrase obscura de conceitos ôcca.

Mas de que ladre um Mevio, quem se espanta?
Eia Belmiro, se alegrar-me queres,
Aos leves ares tua voz levanta:

Que em premio te darei, se isto fizeres
Aquelles dois neixentes coroados
D'azues boninas, alvos malmequeres:

Ambos a Celia estavam consagrados:
Mas Celia em teu favor ambos dispensa.
Tanto podem teus dignos predicados.

Belmiro

Mercenario não sou, sem recompensa
Poder cumprir teu gosto assás estimo:
Premiar meu dever fôra uma offensa:

Mas se não canto bem, se bem não rimo.
Se além de rouco, humildes versos urdo,
Que sou cantor egregio não intimo:

Não clamo que é belleza um torpe absurdo;
A paixão nos meus votos não domina;
Nem com trovas de estalo o campo aturdo.

Mas tem Gil para sabio má doutrina.
Que o sabio quando encontra nota, ou falta.
Diz onde os erros são, e as leis ensina.

Lereno

Quem pensa como tu, quanto se exalta!
Vàmente offusca o merito o invejoso.
Que o merito brilhando aos olhos salta.

Mas dá principio ao canto sonoroso,
Que por ouvir-te as aves não gorgeiam,
Nem move as azas Zefyro amoroso.

Belmiro

Se minhas toscas vozes te recreiam
Deixa, que pulse em teu louvor a lyra,
Que fogo as musas na minha alma ateiam.

Lereno

Outros versos mais ledo hoje te ouvira.

Belmiro

Que é lei teu gosto para mim, reputa.

Lereno

Canta os que te pedi feitos a Elvira.

Belmiro

Sim, que de cór os tenho, eu canto, escuta.

CANTICO

Se Amor se não retira
Dos lindos olhos teus com que me feres:
Porque tyranna Elvira
Sendo amor d'estes meus, deixar-me queres?
Juntos passemos (gloria da minha alma)
N'este bosque sombrio a intensa calma.

As auras bulliçosas
Se espreguiçam por entre os verdes ramos
Das arvores frondosas:
Solta as aves melicos reclamos:
Cahe do umbroso arvoredo sombra amiga,
Que dos raios de Febo nos abriga.

Mas que suspeitas novas
Me gritam n'alma, que tens outro objecto.
Cruel, me dás mil provas
No inquieto coração, no olhar inquieto,
Que um peito ancioso, uns olhos vacillantes
São delatores das paixões amantes.

Segundo o que imagino.
É Marino quem logra os teus favores,
O rustico Marino;
O mais tosco, o mais vão dos pescadores;
Ah! se isto é certo, Elvira desgraçada.
Quanto és digna, meu bem, de ser chorada!

Se um genio interesseiro,
O que não julgo, a ter-lhe amor te excita.
Um misero barqueiro
De quanto dar-te pode necessita:
Quem do mar vive exposto ás incertezas
Juntar não pode solidas riquezas.

Dos pobres pescadores
Intentas que ao mais pobre o céo te ligue!
Da chuva, ou dos calores
Não tem choça, nem gruta em que se abrigue.
E se é dono do barco em que fluctua.
A rede com que pesca não é sua.

Da sorte mais ditoso
Eu tenho a posse de fecundas terras:
De gado numeroso
Os valles cubro, cubro as altas serras.
N'aquella encosta cem colmeias cresto;
Tenho a choça em que vivo, outras qu'empresto.

Se elle das pescarias
A fataça te offerta, a boga, a truta.
Eu d'estas serranias
Dar-te-hei a caça, o leite, o mel, a fructa:
Se conchinhas te dá varias nas côres.
Eu frescos molhos te darei de flôres.

Bem sei que é deleitoso
Vêr as chinchas lançar n'azul corrente,
E em dia bonançoso
D'agua o peixe tirar no anzol pendente;
Na praia os ruivos camarões saltando,
E os caranguejos de travez andando.

Porém quanto é mais grato
Prender as aves com subtil negaça:
Ou vêr no inculto matto
Cahir na ichó traidora a simples caça:
Os cordeiros louçãos correr nos montes:
Por entre os juncos burbulhar as fontes.

Não tem Marino prendas.
Que o façam digno de ventura tanta:
Elvira, não te offendas,
Mas julgo, que por tosco é que te encanta:
Se fala é mal, se dança a rir provoca,
E esturge quando canta, ou quando toca.

Que vezes me não rio,
Quando me lembro, que de Aglais nas vodas
Em certo desafio
A mofa, e riso foi das nymphas todas,
Que Alzor lhe disse: "*Irmão, quando cantares*
Não pesques, ou não cantes se pescares."

Se acaso um amor louco
O brilhante discurso não te illide,
Combina, observa um pouco
Quem eu sou, quem elle é, depois decide.
Que bens te esperam vê, se minha fôres,
Se d'elle, que affiicções, que dissabores.

Mil sustos pavorosos
Tu'alma nublarão quando observares
Os Euros procellosos
Em crespas serras levantando os mares:
Vendo abrir um sepulchro em cada vaga
Para tragar-te o amante, que naufraga.

Mas quanto mais dourados
Os teus dias serão, se minha fôres;
Os sustos, os cuidados
A paz não turbarão de teus amores:
Solicitos em férvidos extremos,
Quanto em amor se gosa, gosaremos.

Na estiva calma ardente
Terás o bosque umbroso em que te abrigues.
A limpida corrente,
Em que te banhes, e o calor mitigues.
O leite, que as entranhas refrigera,
E um brando somno pouco a pouco gera.

No inverno tormentoso
Quando Aquilão fremente o mundo aballa,
E o raio estrepitoso
Rompendo as nuvens serpeando estalla.
Em meus braços na choça ouvindo amores,
Crerás que estamos na estação das flôres.

Ao fogo ambos sentados
Grato magusto fumegar veremos,
E esquivos a cuidados.
Do espumante licôr brindes faremos:
Depois alegre a mão lançando á lyra
Farei o nome resoar d'Elvira.

Mas cheia de ternura
Gratas vistas de amor sobre mim deitas!
Venci-te, que ventura!
Fugi temores meus, fugi suspeitas.
Vem, pastora gentil, vem nos meus braços
Tecer eternos amorosos laços.

Lereno

A fresca sombra do arvoredo umbroso
Quando ergue o sol no estio a prumo a fronte,
Dos rouxinoes o cantico mavioso:

Vêr o dia apontar no alvo horisonte
Rompendo as sombras do nocturno manto:
Achar sequioso na espessura a fonte.

Nada, caro pastor, me alegra tanto,
Nada tanto recreia meus sentidos.
Como ouvir teu suave, dôce canto.

Toma, toma, os neixentes promettidos.
Com elles este vaso feito de hera
Onde estão mil emblemas esculpidos.

Ganhei-o na passada primavera.
Se a rezes o quizesse vêr trocado
Quatro, ou cinco de mais hoje tivera.

Belmiro

Que mais quero, que ser por ti louvado.
Feliz em merecer os teus louvores;
Assás com elles fico premiado.

Mas Febo occulta já seus resplandores
Por traz d'aquelles ingremes outeiros.
Manchando as nuvens de rosadas côres.

Inda levo ao pascigo os meus cordeiros.
Que a errar no campo a viração convida:
Estivera ao teu lado annos inteiros.

Lereno

Ninguem canta melhor, por minha vida!
E ha quem fale de ti! Mas nada extranho
Que sei quanto a ignorancia é atrevida.

Belmiro

Unido o teu rebanho ao meu rebanho
Pela encosta cortemos á floresta.

Lereno

Em prazer embebido te acompanho:
Nunca, nunca, passei tão grata sesta.

IDYLLIO MAGICO

N'um bosque tenebroso emmaranhado
O terno moço Elvandro se envolvia.
D'implacaveis ciumes flagellado.

Nas pennugentas faces lhe corria
Pela falsa Nicêa amargo pranto.
Que de ouvil-o gemer vaidosa ria.

Da noite horrivel o medonho manto
Enchia a terra de temor profundo;
D'aves sinistras se escutava o canto.

Bramia o rouco vento furibundo;
Do poente céo nubloso fuzilava;
De grossa nevoa se cobria o mundo.

Então medroso o infausto Elvandro entrava
Por uma horrenda, lobrega caverna.
Onde o mago Fascino se alvergava.

Triste clarão de funebre lucerna
Globos, hervas, metaes lhe descobria.
Instrumentos da magica superna:

Banhado em pranto. cheio de agonia
Aos pés de Pytoniso (1) macillento
O triste a causa do seu mal dizia.

(1) *Pytoniso*, nome que se dava aos agoureiros, ou inspirados por Apollo a quem chamavam *Pytio* por ter morto a serpente *Pyton*.

Torcendo os olhos o escutava attento
O sombrio agoureiro, e lhe affirmava,
Que fim teria o seu cruel tormento.

Do sinuoso alvergue se apartava,
E d'alva Trivia (1) as luzes duvidosas
Comsigo altos mysterios recordava.

No entanto espectros, larvas espantosas,
Negros lemures fogo respirando
Surgem das sêccas moutas pavorosas.

Voz não resôa, pôe-se o vento brando,
Vae pouco a pouco á vasta serrania
Um profundo silencio adormentando,
E o Mago d'esta sorte principia:

"Com esta vara de cervino (2) trevo
"Cortada á meia noite em minguante,
"Tres circulos concentricos descrevo
"Seis tangentes lhes tiro, uma seccante;
"Sete vezes agora encarar devo
"Da fria lua o pállido semblante:
"Com vivas preces oblações misturo,
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro."

"De novo as feras d'este bosque amento;
"De venenos lethaes componho um mixto;
"A terra tiro, cruzo o firmamento;
"E d'alva rôlla o coração registo:
"Dou vista ao velho lobo turbulento,
"Que depois, que o ceguei tem Febo visto
"Tres vezes um Coluro (3), e outro Coluro;
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro."

(1) *Trivia*, a lua.

(2) *Cervino trevo.* Gabriel Grislei distingue o trevo em tres especies, azedo, cervino, e de ouro: Plinio affirma, que quando as suas folhas se comprimem e signal de tempestades. Camões Eleg. vii diz que é symbolo de apartamento:

Do trevo, que é sentido apartamento.

(3) *Coluro.* Os Coluros são dois circulos maximos da esphera, que se cruzam nos polos, chama-se um *Equinoccial*, outro *Solsticial*.

"Eu pude á fôrça das palavras minhas
"Matar a velha feiticeira Ecata;
"Que ás gargalhadas entre accêzas pinhas
"Cruzava os rios convertida em Pata!
"E á vesga Bruxa Gorga que ás vizinhas
"Os tenros filhos ensarilha e mata
"Dei vida, revoquei do Averno escuro.
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro."

"Possa tambem meu filtro poderoso
"Hoje a Nicêa roubar Gil dos braços,
"E entre elles pôr Elvandro desditoso
"Que illesos beija seus amantes laços:
"As Deidades do reino pantanoso
"Assustem meus encantos e ameaços;
"Trema Thetis (1) no mar, nos céos Anxuro (2).
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro."

"Depois que abrazo a myrrha em cinco lumes
"Sobre o Sino-samão descripto ás canhas,
"N'esta Ceraste (3) o ferro de tres gumes
"Tres vezes cravo, e tiro-lhe as entranhas:
"Desfeitos sejam teus crueis ciumes,
"Como no fogo lhe desfaço as banhas:
"Ditoso vejas teu amor futuro.
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro."

"Bem como esta Betilia (4) encantadora
"Pulla aos ares, e cáe no chão tremendo.
"Pulle, e trema no peito da traidora
"O falso coração d'ancias morrendo:
"O ramo do verbasco (5) accendo agora
"Na pedra Apsitos, (6) e egualmente accendo.
"Entre os dois mil discordias, odio puro;
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro."

(1) *Thetis*. Deusa do mar: toma-se pelo mesmo mar.
(2) *Anxuro*, é um dos nomes que se dão a Jupiter

...... *queis Jupiter Anxurus arvis*
Praesidet. Virg. l. VII. Eneid. v. 799.

(3) *Ceraste*, uma especie de serpente cornigera.
(4) *Betilia*. Certa pedra consagrada, que por si só se levanta aos ares.
(5) *Verbasco*, certa herva cujo talo arde, e dá uma luz perfeita.
(6) *Apsitos*, pedra que conserva o fogo em si por sete dias.

"Agora envolvo o peçonhento sapo
"Na barba negra do lidroso bode:
"Tapo-lhe os olhos, e á tyranna os tapo:
"Já Nicêa, o teu bem, vêr Gil não pode.
"Este sangue qu'á Strige (1) achei no papo,
"Em cima por tres vezes lhe sacode:
"Tal filtro abranda o coração mais duro.
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro.

"Assim como dissipa o subtil vento
"O fumo de Zacoum (2), que estou queimando,
"Se dissipe á cruel do pensamento
"Do teu competidor o aspecto brando.
"Retorço, que assim ambos atormento,
"Da ursa a cauda, que arranquei fitando
"O olho esquerdo no chuvoso Arturo (3).
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro.

"Nas mãos tres folhas da Baxana (4) estallo
"Tu estalla outras tantas d'Amoreira (5).
"Antes que o negro espantadiço gallo
"Bata as azas, e cante a vez terceira;
"Dize agora de mil saudades ralo
"Nicêa esquiva, e rala essa toupeira,
"Que pelo esquerdo pé c'um pé seguro.
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro.

"Do bicudo Toucan (6) da verde Rella (7).
"Que abrazei com incenso, as cinzas lanço

(1) *Strige*, ave nocturna, que mata, e chupa as creanças de noite. *Vid. Ov* *l.* VI *Met.*

(2) *Zacoum*, planta arabica espinhosa, cujo fructo é tão venenoso, que do paiz lhe chama n *cabeças de diabo*.

(3) *Arturo*, estrella na cauda da ursa maior.

(4) *Baxana*, arvore do reino de *Deli* de quem e creve *Mayolo*, que as r i são tão venenosas que matam aos que as tocam, e o fructo, que é cham *Nirabix* é tão salutifero, que cura todo o veneno.

(5) *Amoreira:* arvore bem conhecida entre nós, e celebre pela historia *Pyramo* e *Thisbe* de cujo sangue as amoras, d'antes brancas, se tornara roxas.

(6) *Toucan*, ave americana do tamanho de um melro, mas tem o bico comprimento de dois palmos; sustenta-se com pimenta, pelo que alguns lhe c mam *ave pipivera:* o padre Kircker diz, ser admiravel antidoto contra tod veneno.

(7) *Rella*, rã verde da terra, muito venenosa.

"Sobre os olhos da vibora amarella,
"E com tres nós lhe enleio este Licranço.
"Veneficio tão forte á nympha bella,
"Que te rouba malefica o descanço.
"Fará de cêra o coração perjuro.
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro.,

"O Phelonio (1), a Mandragora (2), o Dictamo (3),
"Queimo em cima do fetto (4) com sementes.
"E emquanto a chamma ondeia, pisa o ramo.
"C'o esquerdo pé descalço, da Nepentes (5).
"Por mim (dize) de amor arda quem amo;
"Pisar possa afflicções, zelos ardentes.
"Em quanto eu certas orações murmuro.
"Triforme deusa, attende ao meu conjuro..

"N'este olho sêcco de estrellado Touro
"Na apparição de Aldebaran (6) tirado,
"Tres vezes crava o páu do verde louro
"N'agua do Merrha (7), e do Silon (8) banhado:
"Se o vires brotar lume é fausto agouro
"Eil-o se inflamma: foi propicio o fado!
"A ti volve o teu bem, fica seguro.
"Trina deusa, attendeste ao meu conjuro..

Callou-se o velho Augure; e pressuroso
Na esquerda o lituo (9) encantador erguendo.
Mil prestigios explora jubiloso.

(1) *Phelonio*, herva magica.
(2) *Mandragora*, herva fetida cujo sumo bebido faz somno lethargico.
(3) *Dictamo*, herva contra-veneno.
(4) *Fetto*, herva de quem o vulgo nimiamente supersticioso crê, que a semente é um dos maiores amavios.
(5) *Nepentes*, herva contra a melancolia.
(6) *Aldebaran* ou *oculus Tauri*, é uma estrella meridional da primeira magnitude, que está na cabeça do signo *Tauro*.
(7) *Merrha*, lagôa cujas aguas eram tão pestilentos, que inficcionavam aos que as tocavam.
(8) *Silon*, rio junto da lagôa dita cujas aguas eram tão salutiferas, que com ellas se curavam immensas enfermidades.
(9) *Lituo*, o cajado ou vara dos nigromanticos.

Troou terrivel um trovão tremendo.
E prêsa de improviso em dôces laços
Se vê Nicêa, votos mil fazendo
Do terno Elvandro nos ditosos braços.

MADRIGAES

I

Deixei por falsa Armania encantadora;
Amei Natercia dura,
Que foi tambem perjura;
Mas era mais que Armania em tudo linda:
Depois Celia adorei mais bella ainda:
Deixei-a por traidora:
Marilis amo agora,
Que a todas na belleza se realça;
Porém se em falta d'ella
Hei de ter para amar outra mais bella,
O céo permitta, que me seja falsa.

II

Quando mais terno a Lilia idolatrava.
N'um dia em que o meu gado apascentava
De repente vi mortas duas rezes;
Corvo sinistro ouvi grasnar tres vezes
No cypreste do raio denegrído:
Temi do fero agouro persuadido
Vêr fogo no casal, ronha no gado.
Ou outro algum successo desgraçado:
Porém não foi assim, tive a ventura
De achar Lilia cruel nos braços d'outrem,
De riscar da lembrança uma perjura.

III

Paz deprequei a Amor ancioso um dia;
E Amor a Ismena paz tambem pedia.
Que triste infausta scena!
De mim zombava Amor, d'Amor Ismena!
Instámos ambos orvalhando a terra
De pranto amargurado.
Cedeu Ismena ás preces do vendado:
Mas elle que impios dolos n'alma encerra.
Depois que obteve a paz me fez mais guerra.

IV

Soltae mais dôce voz, aves saudosas:
Brotae novo matiz, prados florentes:
Dobrae as sombras, arvores frondosas:
Mais fragrancia exhalae, flôres virentes:
Que depois de uma ausencia dilatada
Torna a vêr-vos Marilia, os meus amores:
Porém se virdes a cruel mudada
A novo amante conceder favores,
Em paga lhe negae d'esta inconstancia
— Melodia, prazer, sombra, fragrancia, —
Aves, campinas, arvoredos, flôres.

V

Achei Marilia bella
Dormindo á sombra d'um frondente arbusto.
Sentei-me junto d'ella,
E entre prazer e susto
A face côr de rosa,
Dando um suspiro, com fervor lhe beijo:
Desperta, e desdenhosa,
O sitio limpa que levára o beijo.
«Cruel, então lhe digo.
«Em vão limpas a face melindrosa,
«Que o beijo que te dei tornou commigo.. .

VI

Favonios lisongeiros,
Que espalhaes meus suspiros n'estes valles;
Voae, voae, ligeiros,
E á dura Jonia referi meus males:
Contae-lhe as crebras dôres,
Qre excitam na minha alma seus rigores:
Mas ah! triste de mim! vós illudidos
Levaes ás broncas penhas meus gemidos!
Reparae que o meu bem, Jonia inclemente,
De pedra não é toda, tem de pedra
O coração sómente.

VII

Perdeu-se Amor, eu achei-o,
Pude-o em meu peito occultar;
Cypria tres beijos promette,
De premio a quem lh'o entregar.

Tentam-me os beijos de Cypria;
Mas se Analia, que é mais bella,
Me der por elle outro tanto,
Está primeiro do que ella.

VIII

Sinto Amor, sinto o respeito,
Sempre em guerra no meu peito:
Um por frio me enregela,
O outro incendios faz sentir:
Decide tu, Marcia bella,
Pois que não os posso unir,
Qual do peito hei de banir?

IX

Junto da jonte, inda era madrugada,
Hoje encontrei a minha Analia bella:
No roxo Oriente, mais gentil do que ella
Não era a esposa de Titan rosada.

— "O' minha dôce amada,
Lhe digo n'um transporte de ternura.
Terei hoje a ventura
De gosar teus dulcissimos favores,—
N'este ermo sitio, que respira amores?"
— "Sim, terno bem, responde-me assustada..."
Mas eis vem uns pastores
Trazendo á fonte prospera manada:
Foge, e esconde-se a nympha acautelada.
Que a minha desventura
Sempre as ditas me impede,
Que uma propicia occasião concede.

CANÇONETAS

CANÇONETA I

Á IMMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA (1)

Que fraudes horriveis,
Que horrivel estrago,
Famelico Drago
Semeia entre nós,
O collo escamoso
Arfando feroz!

Empanna seu bafo
Os lustres ethereos,
C'os olhos vipereos
Fascina os mortaes,
Veneno golfando
Das fauces lethaes.

Por terra alongado
Um'hora serpeia,
E a cauda encadeia
Em longos anneis,
Outra hora corisca
Dos olhos crueis.

(1) Recitada na Academia de Humanidades de Lisboa na sessão de dezembro de 1790.

Os céos ensurdecem
A nossos clamores.
Marulho de horrores
Nos vem combater.
Quem pode no mundo
Seguro viver?

Porém que donzella
D'estrellas c'roada,
Em nuvem dourada
Lá vejo assommar!
Os anjos se escutam
Em córos cantar!

Seu manto radioso
Nos ares fluctua!
Sustenta na lua
Os candidos pés!
Quem és raro assombro?
Responde; quem és?

Oh sorte! oh prodigio!
Feliz maravilha!
E' esta, é a filha
Celeste de Abrahão:
Chegou aos humanos
Geral redempção.

Dissipam-se as trevas
Funestas do mundo,
O drago iracundo
Trepida de horror:
E o susto do estrago
Lhe dobra o furor.

A lingua farpada
Em fremitos vibra:
Sanhudo equilibra
O corpo no ar,
E a sacra donzella
Procura assaltar.

A virgem sem susto
Da fera damnosa,
Co'a planta mimosa
Lhe opprime a cerviz
Illesa alcançando
Victoria feliz.

Torcendo-se arqueja
No jugo potente
A torva serpente
Coberta de horror,
Em vão, em vão se arma
De sanha, e furor.

A cauda cerulea
De negro manchada.
Em arco vibrada
Afferra no chão.
Ora abre, ora fecha
As fauces em vão.

Os céos te bem-digam,
Donzella formosa,
Vergontea frondosa
Do claro Jessé;
Por quem libertado
O mundo se vê.

Do sol sacrosanto
Fôste incita aurora.
Feliz defensora
Dos filhos de Adão.
Tuabres as portas
DaSanta Sião.

E's mãe, filha. e esposa
Do Numen Superno.
Illesa ab aeterno
Da culpa geral:
Feliz oppressora
Da Serpe infernal.

Primeiro què ao astro,
Que os céos illumina.
A mente divina
Essencia te deo,
E fôste c'roada
Rainha do céo.

A sarça incombusta
Tu és, oh senhora,
A quem não devora
A culpa voraz.
E's Iris Celeste,
Annuncio de paz.

Celebrem-te sempre
Do Olympo os cantores
Perennes louvores
Te dêem os mortaes:
Teus cultos se vejam
Crescer mais, e mais.

Da torva discordia,
Da inveja sedenta
Benefica isenta
O nosso Atheneo:
Mil graças lhe alcança.
Mil bençãos do céo.

CANÇONETA II (1)

Em fresca manhã de outomno.
Que aurora o campo aljofrava.
Da choça minha eu sahia;
E o manso armento levava
A pascer na relva fria.

Dôces canções numerosas
Hia traçando na idéa
Contra amor, e seus enganos,
Para cantarem na aldeia
Commigo os outros serranos.

(1) Premiada pela Academia Real das Sciencias na sessão de 12 de maio de 1791.

Eis que de um bosque de murtas
D'Armania ao casal visinho
Vejo sahir pressuroso
Um travesso rapazinho:
Mas de gesto magestoso.

Roxa venda a luz dos olhos
Com tres voltas lhe roubava:
Nas mãos um arco trazia;
E ao lado em formosa aljava
Crueis farpas embebia.

"Tenro menino, lhe brado
(De vêl-o com dó infindo)
"D'este frio não tens medo?
"Guarde-te o céo, como és lindo!
"Quem és? onde vás tão cedo?

"Quem sou bem sei que não sabes
"Porque se acaso o soubesses
(Me responde enfurecido)
"Pode ser que não tivesses
"De mim tanto escarnecido.

"Pois sabe, que eu sou no mundo
"Arbitro das liberdades:
"Todos em meus ferros gemem,
"Uno, e desuno as vontades,
"No Orco, e no Olympo me temem.

"Agora, onde vou, depressa
"O verás." N'isto arrancando
Do carcaz farpão fulgente,
Vem para mim caminhando
Com torva, sombria frente.

"Rapaz travesso, lhe digo,
"Onde vens? O que proferes?
"Quem sou conheces bem pouco:
"Ora vae-te se não queres,
"Que te mostre o quanto és louco."

Mas pé atraz n'isto pondo,
Faz-me ao peito pontaria,
Despede o virote hervado,
Em cuja farpa trazia
D'Armania o nome gravado.

Meu coração atravessa:
Salta a borbotões o sangue.
D'Amor o poder conheço,
E a seus pés, já quasi exangue,
Humilde soccorro peço.

Mas de meus rogos zombando
"Onde estão teus ameaços?
(Me diz com voz mofadora)
"Feri-te, não tens dois braços?
"Chega a mim, vinga-te agora.

Só com truncados soluços
Lhe respondo, e o Deus tyranno
Lançando-me atrozes ferros,
Prosegue: "Ouve, audaz humano.
"A sentença de teus erros.

"Amarás, envolto em magoas,
"Armania por teu castigo,
"E n'esta paixão penosa
"Jámais a verás comtigo,
"Se quer um'hora, piedosa.

"De teus rivaes adulada
"Geral desprezo affectando,
"Zombará de teus queixumes,
"Expondo teu peito brando
"A's mãos de crueis ciumes.

"Quer vendo-a, quer d'ella ausente
"Não dará fim teu tormento,
"Que te instará sem piedade.
"A' vista o zelo cruento,
"Ausente a cruel saudade..

Disse, e quando vou pedir-lhe
Lenitivo a meus pezares,
As leves azas soltando
Me foge veloz, nos ares
Brilhante rasto deixando.

A fascinante desgraça
Vem apoz do meu tormento;
Meu grado trigo emmurchece.
Nem curo do pobre armento,
Que á mingua todo engafece.

D'esta sorte amando fico
Armania, entre magoa immensa,
A qual capricha inhumana
De ser da cruel sentença
Executora tyranna.

CANÇONETA III

N'um bosque frondente
De murtas, um dia
Natercia formosa
As horas dormia
Da sésta calmosa.

Dos troncos floridos
Favonios voadores.
Que frouxos sopravam.
Chuveiros de flôres
Sobre ella entornavam.

De um terno vendado.
Que ao bosque viera
Os outros carpindo
De quem se perdêra.
Foi vista dormindo.

Ao vêl-a, nos olhos
O pranto repreza

O meigo Cupido;
E já lhe não peza
Haver-se perdido.

Gostoso os cabellos
Lhe enastra de rosas;
Em torno lhe adeja;
E as faces mimosas
Mil vezes lhe beija.

Mas eis que o tumulto
No prado vizinho
Dos mais escutava:
O terno Amorzinho
De gosto saltava.

As palmas batendo
Aos outros corria.
Ufano e vaidoso;
E um premio pedia
Do encontro ditoso.

Depois que perguntas
Os mais lhe fizeram.
Lançando-lhe os braços,
Em pagą lhe deram
Immensos abraços.

Já lêdos e afoitos
Os numes damninhos
O campo atalaiam,
E os tenros bracinhos
Nas aves ensaiam.

Já destros sobraçam
Os coldres fulgentes.
Os arcos formosos,
Que tinham pendentes
Nos olmos frondosos.

Já tecem mil filtros,
Mil tramas atrozes;

E apenas se apromptam,
    Em chusmas velozes
Ao ar se remontam.

O nume, que trouxe
    A nova benigna,
A frente occupava,
    E a tropa maligna
Risonho guiava.

Soberbo no centro
    O chefe Cupido,
Um ferro empunhando,
    Bradava insoffrido
Ao trefego bando:

“Mil vezes Natercia
    “A nosso despeito
“Nos tem resistido,
    “Mas hoje seu peito
“Veremos ferido.

“Lethargicos somnos
    “O corpo lhe rendem:
“Seus olhos traidores
    “Já não a defendem
“Dos meus passadores.

“Rasguemos-lhe o peito.
    “Os pulsos lhe atemos.
“Da paz se despoje,
    “E agora veremos
“Se ainda nos foge.

“Pôz termo, Belmiro.
    “Teu fero tormento,
“Não vivas queixoso,
    “Que chega o momento
“De seres ditoso.„

Mas n'isto descobrem
    A nympha os frecheiros

N'uns cedros copados
Quebrou por inuteis
Os ferros hervados.

CANÇONETA IV

Um dia que soube
Vulcano iracundo
Os males, que ao mundo
Provinham d'amor:

Jurou, que n'ardente
Voraz ferraria
Jámais lhe faria
Um só passador.

Cupido entretanto,
Que a jura ignorava.
Ferir desejava
Um livre pastor.

Dirige-se a Lemnos,
E aos Brontes pedia
Das frechas, que havia
A frecha melhor.

O pae que o presente
Exclama severo:
-Aqui mais não quero
-Vêr esse aggressor.

-Se n'esta officina
-Houver quem o deixe
-Entrar, não se queixe
-Se vir meu rigor..

O Nume com pragas
Os orbes atrôa.
A Gnido revôa
Qual rapido açor.

Aos outros vendados
Seu mal, sua affronta

Mil vezes reconta
Com ancia, e furor.

"É crivel, que um Nume
(Clamava o frecheiro)
"D'um torpe ferreiro
"Precise o favor!

"Mãos tenho, ao trabalho
"Maior não me escuso.
"Das armas que uso
"Serei constructor..

Callou-se; e nas margens
Do Téjo destina
De egregia officina
Fazer-se erector.

Já safras, bigornas,
Tenazes se apromptam;
Os ocios transmontam
Do rancho voador.

Tornados ferreiros
Os lindos vendados.
Aos Brontes crestados
Causavam pudor.

Qual d'elles batendo
As nitidas azas
Das rubidas brazas
Desperta o calor.

Qual d'elles depondo
O rigido malho.
No duro trabalho
Alimpa o suor.

Das chammas, que zunem.
Dos golpes dobrados
Nos montes cavados
Retumba o fragor.

O mestre vendado
Feroz, carrancudo
Ralhando por tudo
Lhes dobra o fervor.

Resurgem das forjas
Nas mãos dos vendados
Farpões cicalados
De raro lavor.

As farpas lhes pulem,
As hastes empennam.
E o ferro envenenam
No Estygio licor.

As frechas cruentas,
Que uns promptas deixavam
Os outros provavam
Com fero clamor.

Ás rochas alpestres
Com furia as brandiam.
Que tortas cahiam
No chão sem vigor.

Tornavam de novo
Na frágoa a mettel-as.
Porém qualquer d'ellas
Surgia peor.

O mestre Cupido
Bramia, raivava;
E em vão demonstrava
O seu dissabor.

Mas n'isto apparece
A fulgida Inalia;
Vencendo Acidalia
Em graça e esplendor.

Ao vêl-a o vendado
Exclama incessante.

Tingindo o semblante
De rubida côr:

"Das altas emprezas.
"Que tenho intentado
"É Jove sagrado
"Benigno fautor.

"Nos olhos de Inalia
"As frechas toquemos.
"Que frechas teremos
"A nosso sabor.

O isento Belmiro
Emtanto assomava.
Do gado que amava
Feliz guardador.

Eis logo em sua alma
Tentou fazer prova
Da setta mais nova
O atroz matador.

Nos olhos da nympha
Primeiro a prepara.
Depois lh'a dispara
Com fero estridor.

O peito lhe rompe.
E o sangue que salta
As carnes lhe esmalta.
Que esfria o temor.

Sem outros auxilíos,
O Nume cruento
Se vê n'um momento
Do mundo Senhor.

Já contra seu braço.
Que tudo atropela.
Não vale cautela,
Não basta valor.

D'um mal, ó Vulcano,
    Livrar-nos quizeste,
E um mal nos fizeste
    Mil vezes peior.

C'os ferros antigos
    Amor furibundo
Não era do mundo
    Geral vencedor.

Mas hoje qu'Inalia
    Entrou na conquista.
Não ha quem resista
    Ao Nume traidor.

CANÇONETA V

N'um risonho, claro dia (1)
Quando a terra abrazeava
Quasi a prumo o sol formoso.
    Eu calmoso
    Me entranhava
N'um gentil bosque frondente.
D'alvos freixos assombrado,
Por fugir da calma ardente.

Serpeando em longos giros,
Retalhava toda a selva
Um regato que murmura.
    Verde escura,
    Fresca relva,
Que um Favonio mal ondeava.
Com mil flôres de mistura
O terreno tapizava.

Assim que entro o bosque umbroso.
Que um verdor eterno veste.
Ouço a grata melodia

(1) Todos os versos d'esta Cançoneta teem a terceira syllaba longa, segundo o uso dos poetas italianos.

De harmonia
Tão celeste,
Que minha alma, de encantada,
Foi ás nitidas estrellas
N'um transporte levantada.

Mansamente me encaminho
Ao logar, d'onde parece
Vir o canto sonoroso,
Receioso,
Que pudesse
Minha vista inopinada
Ao cantor sonoro e dôce
Perturbar a voz sagrada.

Quando juncto d'um rochedo,
Que adornava a tosca fronte
De junquilhos recendentes,
Das correntes
D'uma fonte
De redor todo orvalhado,
Vi Cupido á fresca sombra
Entre murtas assentado.

Um festão de gratas flôres
Lhe adornava a coma undosa,
Que em anneis nos hombros gira:
Maga lyra
Sonorosa
Contra o peito segurava,
E pulsando as aureas cordas
Brandos versos modulava.

A trinada voz celeste
Encantava a selva toda.
Nem as aves gorgeavam,
Nem voavam,
Só de roda
Os gentis lêdos Amores
O silencio interrompiam
Dando palmas e louvores.

Cautamente passo, e passo
Vou de roda caminhando
Ao rochedo cavernoso;
    Ancioso
    Suspirando
Por ouvir o Deus frecheiro.
E não longe acautelado
Me escondi entre um vimeiro.

Da mimosa branda Psyche (1)
Em amor Amor desfeito,
A ternura, a gentileza,
    A firmeza
    De seu peito,
A meiguice, o genio brando.
Ao canoro som da lyra
D'esta sorte ia cantando:

"Branda nympha, objecto amavel,
"De caricias fonte pura,
"De minha alma luz superna:
    "És mais terna,
    "Que a ternura:
"Com teu peito carinhoso
"Apprender pode o meu peito
"A ser meigo, a ser mavioso.

"C'os encantos, que fabrico
"Dómo os ventos, prostro as feras;
"Os mortaes aos orbes subo,
    "E derrubo
    "Das espheras,
"Se me apraz, os Numes Santos;
"Tu mais fazes, tu me vences,
"Tem mais fôrça os teus encantos.

"Eu nos céos inflammo a Jove,
"A Plutão abrazo, e rendo
"No fatal reino das máguas;

(1) Psyche, nympha emula de Venus na formosura, a quem Cupido amou ternamente.

"Entre as aguas
"Fogo accendo;
"Mas teu rosto alvo, e superno
"Abrazeia a quem abraza
"Terra, Mar, Olympo, Averno..

Entretanto que o vendado
Do seu bem os dons requinta.
Vivo ardor em mim se ateia.
E na idéa
Se me pinta
A meiguice, a gentileza
Do meu bem, da minha Jonia
Esplendor da natureza.

Da rozada linda bôcca,
D'onde a graça emana e chove.
Recordava a formosura,
A ternura
Com que move
Os divinos olhos bellos,
Que tão caro a todos vendem
O fatal prazer de vêl-os.

Recordava quando ao bosque
Ter commigo a furto vinha;
Que nas faces me beijava.
E jurava
Ser só minha;
E os dulcissimos instantes,
Em que um terno abraço unia
Nossos peitos palpitantes.

Esta placida lembrança
Tal soberba me infundia.
Que julgava allucinado.
Que ao vendado
Venceria,
Se a canora voz soltasse.
E com elle em desafio
Do meu bem os dons cantasse.

Azas deu este projecto
Ao meu louco atrevimento:
Eis que surjo do vimeiro,
Ao frecheiro
Me apresento,
E com gesto carregado
Affectando preeminencia,
Com desprezo assim lhe brado:

"Não presumas, que me assombra
"Tua voz, Nume potente.
"A cantar te desafio,
"Que o meu brio
"Não consente,
"Que ante mim louvores tantos
"Dês a Psyche, sem mostrar-te,
"Que o meu bem tem mais encantos...

Eis o Deus quando isto escuta
Em pé se ergue furioso,
E c'o rosto accêso em ira
Deixa a lyra
Pressuroso:
Range os dentes enraivado,
De travez me lança os olhos,
E assim fala perturbado:

"Não cuidei, que a tua audacia.
"Vão mortal, chegasse a tanto;
"Mas a culpa é minha, indigno.
"Que benigno
"Vi teu pranto,
"E abrandei por teu respeito
"Da soberba, altiva Jonia
"O marmoreo isento peito.

"Armas dei contra mim proprio:
"Quem me manda ter piedade
"C'os mortaes, do mundo infando;

“Que abusando
“Da bondade...
Mais amor dizer queria,
Quando assim lhe córta as vozes
Minha barbara ousadia:

“Bem descubro no que expressas
“O receio que te agasta:
“Já cantar posso a victoria.
“Que por gloria
“Só me basta
“Vêr-te ancioso e trepidante.
“Ah! por certo que tem Psyche
“Um brioso, um digno amante.

Quando o Nume tal percebe,
De pudor as fáces tinge,
Ora mostra no alvo rosto
Seu desgosto,
Ora finge
Um risonho terno agrado,
E hesitando alguns momentos
Me responde simulado:

“Não, Belmiro, eu não receio
“Alternar comtigo o canto,
“Bem que excedas aos melhores
“Dos cantores;
“Só me espanto
“De te vêr, inda ha dois dias.
“Grato, humilde e lacrimoso.
“E que já me desafias!

“Porém como assim o queres,
“Em o louro, intonso Pythio (1)
“Que este bosque está queimando.
“Declinando.
“N'este sitio
“Me verás, que por agora
“Desafios não consente
“Esta calma abrazadora.

(1) *Pythio, o sol,* dicto assim por ter morto a serpente Python.

"Ui! Amor, pois quando ha pouco,
Lhe tornei, "canções tecias
"Á que vive na tua alma,
"Que é da calma
"Que sentias?
"É mais quente o Sol agora?
"Mas já sei, d'onde procede
"O calor que te devora.

"Não, mortal, saberás logo
"A quem teu arrojo insulta.
Disse. E mais veloz que o vento
N'um momento
Se me occulta;
E os amores que o cercaram
Sem cessar, mil e mil vezes.
Minha audacia praguejaram.

Entretanto eu figurava
Ter vencido ao Deus vendado.
E até já me parecia,
Que me via
Laureado:
Recebendo altos louvores,
Quer nos prados, quer nos montes,
Das serranas, dos pastores.

Figurava que alto premio
Do meu bem receberia,
Que fineza carinhosa,
Amorosa
Me faria:
Porém quanto são baldados
Os projectos lisongeiros
Dos viventes desgraçados!

Mal que os leves ares corta
O cruel Idalio Nume,
Desce ao reino do tormento,

E cruento
Por costume,
Duras farpas saccudindo
Entre os vis tartareos monstros.
Ampla estrada foi abrindo.

Alli mesmo de perverso
Os estragos se sentiram:
Os que n'esta vida amaram
Suspiraram
Quando o viram,
E de Amor os que morrêram.
Das feridas lastimosas
Roxo sangue inda vertêram.

Mais humano, e mais piedoso
O Cerbéro ás almas late.
Desenruga a crespa frente
Pluto ardente,
E de Hecáte
Beija o rosto, as mãos enlaça.
Une Ixion (1) a roda ao peito.
E inda crê, que Juno abraça.

N'isto Amor a furna emboca.
Onde as Furias assanhadas
Dão tormentos á porfia.
Noite, e dia
Rodeadas
De traições, máguas, queixumes.
Iras, damnos, sustos, odios,
Sedições, guerras, ciumes.

E depois que ao falso dolo.
Ao desprêzo furibundo,
Ao furor, á vã suspeita,

(1) Illic Junonem tentare Ixionis aus
Versantur celeri noxia membra rota.

Tibul. L. I. Eleg. 3.

Laços deita,
Volta ao mundo,
E ao meu bem, veloz chegando.
Lhe introduz no amante peito
O cruel estygio bando.

Eis a Nympha, raro exemplo
Da ternura, e da bondade,
N'uma Tygre se transtorna,
E se adorna
De impiedade.
Em rancor e furia accêza,
Do rosado, lindo rosto
Perde a côr, perde a belleza.

Eu das tramas insciente,
Que o vendado me tecia,
Busco a Nympha apressurado,
Que inda ao prado
Não descia,
A contar-lhe prasenteiro
O furioso desafio,
Que tivera c'o frecheiro.

Eis a encontro... ah! qu'inda tremo
D'esta scena pavorosa,
Vejo-a irada blasphemando,
Lacerando
Furiosa
A gentil madeixa ondeada;
Baça a luz dos vivos olhos;
Rouca a voz, a côr mudada.

Assustado lhe pergunto:
"Meu suave unico emprego,
"Quem sacrilego te offende?
"Quem pretende
"Teu socego
"Vêr um'hora perturbado?
"Não, não mais, não mais me escondas
"A razão de tanto enfado.

De braveza suffocada
"Vae-te em paz, monstro maligno.
Me gritou, "Numes valei-me!
"Defendei-me
"D'este indigno.
N'isto aos olhos meus se esconde.
Chamo-a em vão, em vão lhe brado.
Que a meus ais nada responde.

Entre as mãos da horrivel morte,
Dando aos céos vozes maguadas,
Fico absorto, e irresoluto;
Quando escuto
Mil risadas,
Volto o rosto, era Cupido,
Que zombava do meu pranto
N'umas balsas escondido.

Não motiva tanto assombro
Ao mais timido vivente
Vêr cahir junto ao seu lado
Inflammado
Raio ardente,
Como a vista de Cupido
Motivou n'este meu peito,
De mil sustos combatido.

Vou falar-lhe, e na garganta
Se me prende a voz queixosa;
Quando o perfido, que ordena
Esta scena
Lastimosa,
De jactancia dando visos
Por ludibrio assim me fala
Entre mofas e sorrisos:

"Para a noite o canto guardas?
"Que molleza, humano, é essa?
"De te vêr não sei qu'infiro!

"Já, Belmiro,
"Não tens pressa?
"Vê que é posto o sol dourado,
"E que estou ha largas horas
"De esperar por ti cançado.

"Vem cantar a tua Bella,
"Que por ti se inflamma anciosa:
"Vêm louvar-lhe a formosura;
"A ternura
"Carinhosa,
"Que inda agora n'este prado
"Te mostrou, que isto é bastante
"Para o premio te ser dado.

"Ah! perverso! a minha amada
(Lhe respondo enfurecido)
"Se é cruel, tu a tornaste.
"Receiaste
"Ser vencido,
"E expozeste ás mãos do engano
"O meu bem, que d'outra sorte
"Não podia ser tyranno.

"Mas não cuides, que por isso
"De vencer-te me isentaste;
"Se por fraude, e astucia horrenda
"Da contenda
"Te livraste,
"Arma embustes, forja laços,
"Fementido, e vê agora
"Se te livras dos meus braços.

Abrazado em negras iras,
Da vingança atroz sedento
Furioso ao Deus envisto,
Que previsto
N'um momento
Furta o corpo, o arco encara,
Passa o pé, firma-se, e destro
Aurea setta me dispara.

-É, mortal, para que aprendas
-A temer-me e respeitar-me,
-Findará teu mal co'a morte.
-D'esta sorte
-Sei vingar-me.
Assim clama o Deus nefando.
E risonho os ares cruza
Outra frecha em mim cravando.

Do meu bem sem causa agora
Desprezado, aborrecido,
Alvo sou de mil desgraças
Pelas traças
De Cupido,
Sem que possam meus clamores
Abrandar um só momento
Seus desprêzos, seus rigores.

Ah! por mais que um triste humano
Em venturas se confie.
D'ellas nunca brazão faça,
Nem por graça
Desafie
O vendado caviloso:
Tema os Numes: tome exemplo
N'este caso lastimoso.

CANÇONETA VI

(A Marcia)

Este par de brancas pombas,
Que ennastrei de murta e rosas,
Entre preces fervorosas
Vou a Venus immolar.

Quero vêr se por influxo
Do cruento sacrificio,
Mais humano, mais propicio
O meu Bem posso encontrar.

Vezes mil Amor se abranda,
E concede altos indultos
A quem vivos, gratos cultos
Ousa á terna Mãe votar.

Marcia adoro ha longos tempos.
Ais mandando a seus ouvidos,
Sem que possam meus gemidos
Seu cruel peito abrandar.

Rogo, anhelo, e quando julgo
Vêr seu genio mais humano,
Um severo desengano
Vem meu peito lacerar.

D'um violento amor instado,
De que é raro haver exemplo.
Vou da Cypria deusa ao templo
Meus projectos praticar.

Sobre as aras quero eu mesmo
Ser ministro do holocausto ;
Sempre amante e sempre infausto
Novo trilho vou tentar.

Cingirei com aureo cinto
Rubra veste roçagante.
E a teara fulgurante
Sobre a frente hei de ajustar.

A cruel secure alçando
Sobre as victimas trementes,
Em seus collos innocentes
Hei de o golpe desfechar.

E depois que as aras tinja
Rubro sangue fumegante,
Sobre a pyra devorante
Hei de as victimas lançar.

Quando em tremulas columnas
Se erga o fumo ao firmamento,
Resumindo meu tormento.
D'esta sorte hei de imprecar.

"Pranto acerbo, agros suspiros,
"Alma sempre envolta em lucto,
"E' o triste, amargo fructo,
"Que de Amor posso alcançar.

"Se uma vez, Marcia seus olhos
"Sobre os meus piedosa vira
"Cogo d'elles os retira,
"Se m'os vê nos seus fitar.

"Faze, ó Deusa, que a tyranna
"De meus damnos se commova,
"E a ventura me promova,
"Que jurou não me outorgar.

"Que seu rosto una a meu rosto,
"E que tanto se enterneça,
"Que em meus braços desfalleça
"De ternura a suspirar."

Mas, que subito ruido
Pelos ares se despenha!
Talvez seja Amor, que venha
Esta dita annunciar!

Ai de mim! que vejo, ó fado,
Porque tanto de mim zombas?
São as leves, alvas pombas,
Que das mãos deixei voar.

Embebido nos prazeres,
Que o meu bem me outhorgaria,
Não senti que me fugia
Das prisões o lindo par.

Eis as victimas voaram,
Eis frustrado o sacrificio,
E eis um claro, certo indicio
De que em vão sempre hei de amar.

Tão infausto sou que a sorte,
Que de instar-me se não cança,
Nem sequer de uma esperança
Me consente alimentar,

CANÇONETA VII

(A Silvia)

O monte fragoso
De gelo se veste,
E o bravo nordeste
Nos entes dispara
Gelados farpões.

O mar verde negro
Revolve as entranhas,
E em crespas montanhas,
Entesta nas rochas
Erguendo galões.

No carro de neve
O inverno já volta,
Em torno se escolta
De nevoas, de frios,
Chuveiros, tufões.

O' Silvia, meu Nume,
A' côrte voltemos,
O campo deixemos,
Que tornam medonho
Brumaes estações.

Tens nobre morada
Na vasta Ullysséa,
Brilhante assembléa
As noites suavisa
Com mil distracções.

Alli, vê jogar-se
O facil cassino,
E o fôfo Jozino
Marcar, perfilando
Os aureos dobrões.

Além, o teu ginja
De chambre e barrete,
No seu voltarete,
Caustica os parceiros
Com futeis questões.

Com sabia destreza,
Auliza engraçada,
Ao piano sentada,
Retrata o seu genio
Em mil variações.

Inveja das Graças,
A esbelta Carlota,
Na valsa e gavota,
Com lindas figuras
Attrahe corações.

Tu, Silvia mimosa,
Se as vozes levantas,
Assombras, encantas;
E de almas sensiveis
Obtens oblações.

Não só tem prazeres
Os olhos e ouvidos,
Os outros sentidos
Recebem, gostosos,
Iguaes sensações.

O teu Ganimedes
Traz ledo, e vermelho,
O indiano apparelho,
E o fluido, que ferve
Na urna, em cachões.

Xolan, fino aljofar
No bulle recendem;
Mãos lindas expendem
De assucar lascado
Brilhantes porções.

Finissimo dôce,
Meleças torrado,
Teu destro creado,
De roda offertando
Não poupa attenções.

Depois se ministram
Os vinhos melhores,
Suaves licôres,
Grós, ponche, e de tudo
Eguaes profusões.

Os dias no campo,
Em tempos chuvosos,
São tristes, penosos:
E á noite é sensivel
Passar os serões.

O dia primeiro,
Que alegre vejamos.
A' côrte volvamos;
Deixemos as tristes,
Ruraes solidões.

CANÇONETA VIII

N'um verde bosque de Paphos,
A linda mãe dos amores,
De ternura delirante,
Concedia altos favores
A Marte, que por amante,
Seus affagos mereceu.

Depois do prélio amoroso,
Crebras vezes ultimado,
O irmão da fera Bellona,
Abatido e fatigado,
Ao repouso se abandona
Entre os braços de Morpheu.

A deusa, que não succumbe
N'estas lides costumadas,
Levantando-se impaciente
Vê, n'um tronco penduradas,
As armas d'ouro luzente
D'aquelle a quem se rendeu.

Travessa, os mimosos membros
Onéra do arnez dourado,
O escudo embraça, e na frente
Ajustando o elmo emplumado
Impunha a lança, e contente
Sobe ao leve carro seu.

Desejosa de ser vista
N'aquelle traje guerreiro,
Aos cysnes as redeas bate,
E, correndo o mundo inteiro,
Sobre a Grecia o vôo abate,.
E desce ao pé do Atheneu.

Encontra Pallas, que ao vêl-a,
Com sardonico sorriso
Diz: "Viva a guerreira nova!
"Dar-nos agora' é preciso
"Do seu valor uma prova;
"E na prova entrarei eu.

"Despe as armas, que te opprime,
"E cobre as carnes mimosas
"Com teu sendal transparente;
"De fresca murta e de rosas
"Em vez de elmo, adorna a frente.
"E deixa o que não é teu.

"Da espuma és filha, e portanto
"Qual a mãe és fôfa e leve,
"Não tenhas vaidade alguma,
"Que eu sei dissipar-t'a em breve;
"Para abater essa espuma
"Basta um curto sôpro meu.

"Pugna e vence-me„. Então, Venus
Lhe diz: "Façanha não era,
"Vencer-te, d'armas vestida,
"Quem já núa te vencera„.
Pallas ficou tão corrida,
Que de pejo se escondeu.

EPIGRAMMAS

I

Zoilo mordaz me insulta impaciente;
Mas d'elle se publica,
Que os máus poetas louva, os bons critica.
Se Apollo tal consente,
O' Zoilo, ó Maldizente,
Não sabes, não, depois que te conheço,
Quanto as criticas tuas agradeço.

II

O fogo de teus versos me exaggeras,
E logo me asseveras,
Que apenas leves manchas lhe divisam:
Porém tenho observado,
Que os versos todos que me tens mostrado,
Manchas não teem; mas fogo é que precisam.

III

A' fôrça me embutiste
Um livro dos máus versos, que imprimiste.
Pedes-me agora a paga; tem paciencia,
Que se m'os déste só pelo que valem,
Nada te devo em minha consciencia.

N. I A um Zoilo, que para anniquilar os bons poetas dizia bem dos máus.
N. II. A um máu poeta que dizia, que nos seus versos só pequenas manchas **se encontravam**, mas que em fog[o] nenhuns lhes excedia[.].
N. III. A um máu [p]oeta que me brindou com um livro, que imprimiu, e de**pois de seis** mezes veiu-me pedir o importe do di[t]o.

IV

Se os meus versos me compraste,
E bem d'elles não falaste,
Não me aggravas, são favores;
Que mais prézo o teu dinheiro,
Do que estimo os teus louvores.

V

Quando me louvas da rosada Irene,
Por quem cego d'amor ardes, suspiras,
Os dotes, os agrados,
O lindo aspecto, os olhos engraçados;
Dôce ternura na minha alma inspiras.
Ah! deixa de exaltar-m'a por piedade,
Que se persistes no costume antigo.
Tu perdes um amigo,
E eu perco para sempre a liberdade.

VI

Horrivel Gorga, deixa o vão receio;
Podes sósinha andar, que não te offendem:
Teus vesgos olhos, teu semblante feio,
São guardas, são dragões que te defendem:
Porém, de certo, eu creio,
Que esse medo que tens tão desconforme,
E' roubado a quem vê teu rosto enorme.

VII

O teu macho, que emprestas por dinheiro,
Dá coices, morde, cahe, fica pegado;
Mas tu da gente humana carniceiro,

N. IV. A um estulto, que comprou os meus versos para dizer mal d'elles.

N. V. A certo amigo, que me louvava in essantemente aquella que mais amava.

N. VI. A uma velha, que tinha medo de sahir só á rua ; or causa dos maganões.

N. VII. A um cirurgião, que alugava um macho muito manhoso, que tinha, *e não queria que* se dissesse que o alugava.

Tens n'elle, se não erro, um bom morgado,
Pois sempre que se aluga o teu sendeiro,
Além de obteres do aluguel a parte,
Tens logo que fazer pela tua arte.

VIII

Só tem um erro a producção famosa,
Que tu chamas tragedia;
Emenda-o, ficará cousa pasmosa;
Chama-lhe farça, ou chama-lhe comedia:
Porque eu vejo, assim Deus me faça um santo,
Que mais provoca a riso, do que a pranto.

IX

Pampa, vivo tonel de enorme bojo,
Em Gil, adega errante, um ferro crava:
Todos a causa ignoram d'este arrojo;
Mas eu penso, que a idéa lhe adivinho;
Quiz Pampa matar Gil, porque pensava,
Que mais barato lhe ficasse o vinho.

X

A Marcia

Quando souberes que deixei de amar-te
Chora, chora o teu bem, Marcia querida,
Que deixou n'esse instante de ter vida.

XI

Tanto, e tão bem representas,
Qu'inda quando estás sósinho,
E's actor em mil tragedias
Nas pregas do collarinho.

N. VIII. A um máu poeta, que compoz uma tragedia, que fazia rir.
N. IX. A um bebado, que deu uma facada n'outro sem razão nenhuma.
N. XI A certo p bretão, que se jactava de representar melhor que ninguem, principalmente em obras tragicas, e partes patheticas.

XII

E's Satyrico tamanho,
E tão infimo poeta,
Que affirma gente discreta,
Que só tu fazer podias
As satyras, que merecem
As tuas más poesias.

XIII

Andronio diz que repara,
Que a sua baça parceira
Sempre lhe mostra má cara
Aquillo é falar á tôa!
Que a triste, por mais que queira,
Não lh'a pode mostrar boa.

XIV

R.
Minha mulher expirou!
E a doce tranquillidade
Sobre a minh'alma baixou!
P.
Pois não lhe tinha amisade?
R.
Só uma vez me agradou.
P.
Quando foi?
R.
Quando passou
D'esta vida á eternidade.
P.
E porque?
R.
Porque foi só
No que me fez a vontade.

N. XII. A um charlatão maldizente, que compunha trovas.

XV

Se máos e bons atassalhas,
Se tudo a eito laceras,
Nas chôchas trovas que espalhas,
De quem louvores esperas?

Repara que todo aquelle,
Que a louvar-te se proponha,
Vae applaudir sem vergonha
O mal que tens dito d'elle.

XVI

P.

Morreu-te a dôce consorte,
Belmiro, na fresca edade!
Quanto não seria forte
Tua dôr, tua saudade!

R.

Não sentiu violento córte
A minha sensibilidade.

P.

Porque falas d'essa sorte?

R.

Porque assim que a dura morte
M'a roubou, morri metade.

XVII

Dizes que sou de Socrates modelo;
Em parte não me canço em desdizel-o:
Foi de Xantippo Sócrates esposo,
De Xantippo, dragão do Orco horroroso,
Que o sabio atormentava,
E a paciencia mil vezes lhe apurava;
Mas se o posso egualar no soffrimento,
Não o imito nas luzes, no talento;
Minha mulher, sem pejo o participo,
É que é em tudo a copia de Xantippo.

XVIII

Se és feio, zaimbro e demente,
E estás de o ser descontente,
Vê se de um rico és herdeiro;
Que em tendo muito dinheiro,
Hão de achar-te, de repente,
Gentil, esbelto e eloquente.

XIX

Se nas cavas do colete
Silvio engancha o polegar,
E prende uma e outra mão,
É, talvez, por evitar,
Vista a sua propensão,
O poder-se descuidar,
E pôl-as ambas no chão
Alguma vez para andar.

XX

De um só medico assistente,
Silvio, não te contentaste,
E mais dois inda chamaste
Para o teu caro doente.
O successo foi coherente:
Deu á casca antes d'um mez;
Que se de um custa a livrar,
Havendo-se unido tres,
Quem poderia escapar?

XXI

Deves, Silvio, se és prudente,
Por te haver tirado Armia,
Deves mandar-me um presente;
Porque eu tanto ou mais faria
Áquelle que m'a furtasse,
E de a soffrer me livrasse.

XXII

Quando *Os Martyres* eu li,
De Filinto na versão,
Tive dó, por vêr que o eram,
Outra vez em sua mão.

XXIII

P.

Quanto eu dera, se a paixão,
Que sinto por Jonia bella,
Findasse em meu coração!

R.

D'esse mal, que te flagella,
Tens o remedio na mão.

P.

E qual é?

R.

Casar com ella.

XXIV

Tinha Jonia um amante,
Docil, gentil, constante:
Troca-o por outro de peior figura,
Vario por genio, condição mais dura;
Increpam-a da escolha e variedade:
Responde em tom sizudo:
"Bem sei que Alexis é melhor em tudo;
"Mas falta-lhe o sabor da novidade."

XXV

De longe um patrão voltava,
E contas ao máu caixeiro
Das fazendas e dinheiro
Que lhe entregou, demandava.

"Fez mal, — diz-lhe elle sizudo, —
"Se por isso tornou cá;
"Que eu dei-lhe conta de tudo,
"Emquanto esteve por lá.

XXVI

Da varia Nize a figura
Quero ao proprio retratar;
Começo por bosquejar
A sua bella estructura:
Braços, peito, hombros, cintura
Lhe pude ao vivo imitar:
Emquanto ao corpo vae bem;
Vou-lhe a cabeça ajuntar;
Mas, ai! triste! em que logar?
Se não sei onde ella a tem!

XXVII

Silvia, arrebicando a cara,
Diariamente remoça,
E se o damno assim repara,
Feito por sessenta invernos,
É crivel que fazer possa
Os seus encantos eternos.

XXVIII

A mulher, que jaz em mingua,
Quando pretende casar,
Tem sete pés e uma lingua;
Mas depois que aperta o nó,
Ficam-lhe para ralar
Sete linguas e um pé só.

XXIX

Remeda ao parvo Olivedo
Teu primo, e dizem que mal;
Porém, aqui em segredo,
Eu nunca vi arremedo,
Que fosse tão natural.

XXX

Conter não pudeste o riso,
Quando no seu patrio idioma,
A vate da egregia Roma
Ouviste excelso improviso:
Mas, se nem boia pescaste,
Devo fazer-te uma instancia;
Se foi d'elle que zombaste,
Se foi da tua ignorancia?

XXXI

Uma só vez Cypria bella
Fez no mundo Amor nascer;
Porém fazem mais do que ella,
Marcia, tuas perfeições,
Que nascer tem feito amor
Mil vezes nos corações!

XXXII

Um beberrão de má fé,
Uma tasca amotinando,
Deu tamanho pontapé
N'um sabio, que ia passando,
Que deu com elle no chão.
Esperava-se funcção;
Mas o sabio ergue-se e foi-se,
Dizendo para a taverna:
"Por dar uma besta um coice,
"Devemos cortar-lhe a perna?"

XXXIII

De papeis que á rua vão,
Que aos mais não podem servir,
Fazes de novo extrahir
Bom papel, bom papellão:
Tens n'esta negociação
Ganho um grosso cabedal:

N. XXX. A certa senhora, que ouvindo improvisar um italiano, se pôz a rir porque o não entendia.
N. XXXIII. A certo italiano, que tendo uma fabrica de papel, que lhe rendia muito, se queixava da sua sorte.

Italiano ladino,
Não chores o teu destino,
Porque achaste em Portugal,
Além do moto continuo,
A pedra philosophal.

XXXIV

Certo escrevente casado,
Tinha em casa, por dinheiro,
Outro escrevente solteiro;
Houve entre elles grande enfado,
E de murros um chuveiro;
Mas por causa bem pequena...
Foi por molharem a penna
Ambos no mesmo tinteiro.

XXXV

N'esta habitação da morte,
Onde a susto as vistas lanço,
Jaz minha esturdia consorte,
Para seu e meu descanço.

XXXVI

Dizia um certo valido
De um rei, que tinha morrído:
"Para mim, este Senhor,
"Era de immenso valor.„
Torna-lhe um seu conhecido:
"Ninguem o soube melhor
"Do que tu sempre o soubeste,
"Que mil vezes o vendeste.„

XXXVII

Fôra um bem para os casados,
Se quando o tédio chegasse,
Por milagre, ao mesmo tempo,
Um e outro enviuvasse.

XXXVIII

O medico é sempre um cego,
Que tem na mão um cajado:
Para exercer seu emprego
É pelo enfermo chamado.
Luctando o vê co'a molestia,
Quer á contenda pôr termo,
Ergue o páu, dá sem detença;
Mata, se acerta no enfermo,
Cura, se esmaga a doença.

XXXIX

Em dar esmolas te empregas
Aos mendigos, fanfarrão,
E aos philosophos as negas:
Eu bem entendo a razão.
Tens mais ouro, que saber,
Mendigo ainda podes ser,
Porém philosopho não.

XL

De ignorante me notou
Certo palrante enfunado,
Porque eu estive calado,
E elle só papagueou:
Se é certo que horas inteiras
Não dei palavra esse dia,
Foi por notar as asneiras,
Que a todo o instante lhe ouvia.

XLI

AD AMOREM

Alma Venus prægnans, cum jam prope partus adesset,
Consuluit Parcas quid paritura foret.
Tygrin ait Lachesis, Silicem, Cloto, Atropos ignem,
Ne responsa forent irrita, natus amor.

Venus, proxima ao seu parto,
As tres Parcas consultou,
E que fructo á luz daria,
Que lhe dissessem rogou.

Lachesis lhe diz: "Um tigre,
"Por filho, ó Deusa, terás.„
Cloto "uma pedra„ lhe augura,
Atropos "fogo voraz.„

Continha o ventre um só feto,
Mas das tres filhas do horror,
Nenhuma foi mentirosa,
Que á luz deu Venus, Amor.

XLII

Os versos, que referiste,
Fabio, é certo que são meus;
Mas tão mal os repetiste,
Que a mim proprio me illudiste,
E julgava que eram teus.

XLIII

Dizes que o teu parente, esse homicida,
Foi meu medico em certa enfermidade;
A prova de que faltas á verdade,
É eu, graças aos céus! inda ter vida.

XLIV

Iris, chorando o esposo seu, que perde,
Não faz piedade, que ninguem ignora,
Que Iris é qual no fogo o tronco verde,
Que em ardendo de um lado do outro chora.

XLV

Esta fera razão, que o mundo acclama,
Não é contra as paixões prompto remedio;
Faz-lhe um cego rapaz tyranno assedio,
Baccho a perturba, quando a mente inflamma;
E só produz o desgraçado effeito
De lacerar o coração no peito
De quem prudente em seu soccorro a chama.

XLVI

Foi com seu homem de passeio, um dia,
Mulher teimosa a certa romaria;
No fim da estrada um rio caudaloso
Para passar havia;
O bom marido, attento e cauteloso,
Sonda o váu, depois diz: "Frescos estamos!
"Ou mais abaixo, ou mais acima, vamos,
Que pé aqui não temos!"
"Ha pé", disse a mulher. "Não ha." — "Veremos
"Se pé agora eu acho."
N'isto ás aguas se mette; eis de repente,
Levada pela força da corrente,
Vae aos mergulhos pelo rio abaixo.
O pállido consorte,
Que a perda lhe lastima,
Buscando-a, a vêr se a livra e poupa á morte,
Vae pelas margens do ribeiro acima.
Um tal que a scena viu lhe brada: "Ó louco,
"Contra a corrente queres encontral-a?
Torna-lhe o triste, perturbado um pouco:
"Busco-a por onde poderei topal-a,
"Que esta louca imprudente
"Sempre ás vessas andou da outra gente."

XLVII

Um trapalhão de poesia,
Satisfeito de compôr
Dois sonetos de arrepia,
Leva-os a sabio doutor,
E o seu voto pretendia,
Porque o melhor dar queria
Ao seu digno protector.
Lê o primeiro, e o censor,
Antes de ouvir o segundo,
Lhe torna, meio iracundo:
"O outro dê antes, senhor!"
"Como, se inda lh'o não li?"
Replica o lerdo escriptor.
Responde-lhe o preceptor:
"Depois d'esse que lhe ouvi,
"Tudo é bom, seja o que fôr."

XLVIII

Taful doutor tratava de um enfermo,
Que pôz, sem se esperar, á vida termo.
Vem vêl-o, e encontra-o já no esquife posto.
Não se admira, ajoelha, inclina o rosto,
E pela alma lhe reza. Apenas ora,
Ergue-se e pede a paga da visita,
Que era o costume quando se ia embora.
"Que pede, se o achou morto?" o herdeiro grita.
"A paga, o doutor diz, que não ignora,
"Que entre as visitas que lhe tenho feito
"Foi esta a que lhe fiz de algum proveito."

XLIX

Prometteu muita pancada,
Por falta de economia,
Um avarento á creada,
Que era, apesar do que ouvia,
Cada vez menos poupada:
Farto de a soffrer, um dia,
Dando-lhe uma bofetada,
O avarento lhe dizia:

"Não te avisei, malcreada?„
"Avisou, lhe respondia
"A mocinha descarada;
"Mas, se eu não temia nada,
"Era porque presumia
"Que a sua sovinaria
"A tal ponto era levada,
"Que nem pancadas daria.„

L

Um bofetão de tombar
Deu na creada que tinha,
Um avaro, por lhe achar
Desperdicios na cosinha.
"Eu devo-lhe agradecer,
Lhe disse ella, "o bofetão,
"Só pelo gosto de o vêr
"Uma vez abrir a mão.„

LI

Em zêlos te faço arder;
Mas teem fôrça duplicada,
Os que me fazes soffrer;
Que se amo tua mulher,
Tu gosas a minha amada.

LII

Disse Brazia uma vez ao seu consorte,
No fim d'alta lamuria:
"Queira o céo que se tu, por minha morte,
"Casar-te pretenderes, fementido,
"Despozes uma furia.„
"Isso não pode ser, porque é vedado,
— Responde-lhe o marido. —
"Ser com duas irmãs alguem casado.„

LIII

Moça de facil conquista,
Do seu medico zombava,
Dizendo-lhe: "Eu desejava
"Vêr dos seus mortos a lista."

Torna-lhe elle em feros termos,
Lançando-lhe uns olhos tortos:
"A minha lista dos mortos,
"Vem na dos vossos enfermos."

LIV

"Se lançassem, disse um homem,
"Todos os cucos ao mar,
"Teria summo prazer."
"Morrias, diz-lhe a mulher,
"Que tu não sabes nadar."

LV

No falar sê comedido,
Que ter silencio nos labios,
E' nos estultos partido,
Sendo virtude nos sabios.

LVI

Disse a Brazia o bom marido:
"Mulher, um só n'esta rua,
"De ser cuco se exceptua;
"Sabes tu, meu bem querido,
"Onde mora?" Ella responde:
"Não, amores, não sei onde,
"Que não é meu conhecido."

LVII

A Grecia, que por douta se avalia,
Só sete sabios entre os seus aponta:
Vêde por esta conta
O numero dos nescios qual seria!

LVIII

Um bebado eterno,
Nas ancias da morte,
Um pucaro d'agua
Pediu á consorte.

Diz-lhe ella: "Tu quando
"Saúde gosavas,
"Tal odio lhe tinhas
"Que nunca a provavas".

"Eu devo, elle clama,
"Que estou em artigos,
"Reconciliar-me
"Com meus inimigos".

LIX

Filis, mais que terna, avara,
Victimando ao lucro o pejo,
Acceita ao pastor Lysandro
Trinta rezes por um beijo.

N'outro dia o fragil moço
Achou Filis mais clemente,
Que trinta beijos lhe deu
Por um cordeiro sómente.

No dia seguinte, a bella,
Mais meiga e menos mesquinha,
Volve ao pastor, por um beijo,
Quanto acceitado lhe tinha.

Depois a invejosa Filis
Dar todo o gado quizera,
Por um beijo que Lysandro
A Lilia de graça dera.

MOTES GLOSADOS

MOTE

Por saber o que era amor
Fiz votos de não amar,
Um encontro com Josino
Fez os meus votos quebrar.

GLOSA

I

Inda o fogo das paixões
Meu socego não turbava,
E a razão mal começava
A illustrar minhas acções.
Inda acerbas afflicções
Não me causavam terror;
Mas quem tanto ha de suppôr!
Por occulta sympathia
Já mil instancias fazia
Por saber o que era amor.

II

Por mão da sorte guiado
No templo do Nume entrei;
Que horror! De quanto observei
Ficou meu sangue gelado.
Vi rojar grilhões d'um lado,

D'outro vi peitos frexar;
Junto do votivo altar
Montão de entranhas ardia:
Eu com terror do que via
Fiz votos de não amar.

III

Ouviu minha voz o Nume,
E de meüs votos zombando
Deixa o solio onde ullulando
Vive a saudade, o ciume:
Do fado abriu o volume
Quebrando o sêlo divino,
Leu-me n'elle o meu destino:
"Novo escravo ha de Amor ter,
"Quando Corina tiver
"Um encontro com Josino.

IV

Deixo o templo do vendado
Pensando na minha estrella:
Eis vejo Corina bella:
Eis vejo cumprir meu fado:
Em vivo amor abrazado
Amo quem não sabe amar.
Mova-te, Amor, meu pezar,
Abranda o peito ferino
De quem, por lei do destino,
Fez os meus votos quebrar.

AO MESMO MOTE

Glosa jocoseria em phrase de marujo

I

Tão bravo me tenho feito
Desde que lido comtigo,
Que ás vezes mesmo commigo
Jógo o sôco a teu respeito:
Se fôr certo o que suspeito,
Que tu namoras o torto,
Ou aqui, ou n'outro porto
O tratante ha de pagal-o,
Que sou capaz de esganal-o
Ainda depois de morto.

II

Não me dão volta cincoenta;
Por bem, sou mosquinha morta;
Mas por mal ninguem me corta
O cabellinho da venta:
Se você mangar intenta,
Nao sahe bem da mangação:
Ande co'a sonda na mão;
Porque a fazer-me pirraças
Hei de mettel-a cem braças
Debaixo do frio chão.

III

Mas tu choras? Essa é boa!
Não tenhas medo de mim;
Porque eu não sou tão ruim
Como foi certa pessoa:
Os mais abatem-te a prôa,
Eu cá sirvo de palito
Pois um homem, Deus bemdito!
Tanto por ti bebe os ares,
Que em quantos muros topares
Acharás teu nome escripto.

IV

Tu deves por força amar-me
Senão fico como um preto,
Lá co'o torto não me metto
Quem as arma, que as desarme
Hei de comtigo casar-me
Mesmo por embirração,
Que desde aquelle encontrão,
Que te vi dar, na ribeira,
Trago accêza uma fogueira
Dentro do meu coração.

MOTE

Succeda o que succeder
Não hei de mudar de intento,
Amar sem temer perigo
É maior merecimento.

GLOSA JOCOSERIA EM DIALOGO ENTRE UMA VÉLHA
E UM MARUJO

I

Marujo. De não lhe dar um sopapo,
Agora é que eu torço a orelha,
Que cá ao filho da velha,
Nenhum galrante faz papo.
Velha. Pois tu n'um moço tão guapo
Manel havias bater?
Marujo. Se a palrar a torno a vêr
Com sua neta a Carcunda
Hei de arrumar-lhe uma tunda
Succeda o que succeder.

II

Lá tem a filha do arraes,
Que me tem amor em barda,
Que quando um homem lhe tarda
Já vem procural-o ao caes!
Pois avó, sabe que mais?

Promette-me casamento,
E eu cá ponho pôpa ao vento
Pago o vinho, e vou-me embora.
Amo a Carcunda já'gora
Não hei de mudar de intento.

III

Mas isto não lhe faz móssa;
A todo o mundo dá trella,
Aqui n'Adiça só ella
Traz mais de quarenta á roça.
Já me iam dando uma coça,
Por seu respeito, uns de Vigo:
Mas que a não deixo lhe digo,
Inda que a breca me leve,
Que um homem quando ama deve
Amar sem temer perigo.

IV

Velha. Tambem você atenou
C'uma moça que é um brinco,
Que tem deixado alguns cinco
Dés que á máll o compeçou:
Em té o filho engeitou,
Que teve do mestre Bento:
Mas você é tão bulhento...
Se a vir com algum palrar
Disfarce, que o disfarçar
É maior merecimento.

ENYGMAS

I

Núa e crúa me puzeram
Entre o fogo abrazador,
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me tiveram:
A côr mudar me fizeram
Sobre pedra liza e dura.
Hoje em quatro páus segura
Em continuas voltas ando,
Até que extincta ficando
Mude de nome e figura.

II

D'uma pedra fui nascida
Em molle cama aparada,
Com fumo infernal creada
D'extranhos corpos nutrida:
O ar me dá morte e vida,
E do ar meu corpo alimento:
Ao vêr Phebo desalento:
E no horror da noite escura
Protejo quem me procura
E a quem me toca atormento.

III

Ando, e do sitio em que estou
Por mais que ande não me bullo.
Aquelles mesmos regulo,
Por quem regulado sou:
Prêzo n'uma corda vou
Onde me querem levar:
Tenho um pé, mas para andar
Nunca me póde servir,
E sendo opposto ao mentir,
Minto ás vezes sem falar.

IV

Sendo em lizo páu formado
De dois animaes descende,
E é de quem serve e defende
Abatido e espezinhado:
Inda c'o bico fechado
Carne de vivos engolle:
Sendo flexivel e molle
O rosto em ferros lhe prendem
Vae de salto onde pretendem
E se não querem não bolle.

V

Juntos vivemos e andamos
Vestindo trajos eguaes,
E sendo amigos jámais
Vêr um ao outro estimamos:
Inda que mui longe vamos
Por solitario caminho,
Nenhum sáe do patrio ninho:
Por uteis ambos nos temos,
Mas o que juntos fazemos,
Faz qualquer de nós sósinho.

VI

Entre flôres fui gerada
Trazida a carcere feio,
Nutri mortaes em meu seio,
Dei quartel a tropa armada:
A ferro, e fogo roubada
Fui do lar que me abrigou:
Com Deus mil vezes estou,
Mas quão triste é minha estrella,
Valho menos sendo bella,
Do que depois que o não sou.

VII

Sem que meu domno me pegue
Ando na mão de meu domno,
Adormeço e mostro somno
Sem que ao repouso me entregue:
Nenhum vivente consegue
Meu movimento egualar.
Tenho em dois reinos logar,
E em baixando sobre a terra,
Ou faço a meus irmãos guerra,
Ou só me occupo em andar.

VIII

Ente alado me creou,
Com seu sangue me nutri,
Replantar-me onde nasci
Não pode quem me roubou:
Para ser util qual sou
Soffri d'um ferro impio córte;
Tenho triste o nome e a sorte,
E que me enlucto é patente,
Quando contra algum vivente
Se dá sentença de morte.

IX

Tenho côr de penitente,
Conservo barbas crescidas,
Em minhas roupas compridas
Me furto aos olhos da gente:
Cumpro a lei do Omnipotente
Firme na excelsa bandeira,
Comtudo em lenta fogueira
Alguns christãos me dão fim;
Porque sabem que de mim
Tem nascido muita freira.

X

Nasci branco, hoje sou preto,
Como escravo fui vendido,
Sirvo aos pobres abatido,
Aos potentados submetto:
Se alguns mortaes comprometto,
Humilhações justifico:
Ás vezes de ouro sou rico:
De quadrupedes procedo;
Mas ás vezes arremedo,
Que ao ar subo, e tenho bico.

XI

Criei-me na terra, e nada
Á terra devo em crear-me:
Minha mãe para gerar-me
Foi prêza, e depois maçada.
Quasi sempre desagrada
A funcção onde eu não vou:
Aos mortos defensa dou,
E em perdendo o ser que tenho,
A ter a figura venho
D'aquella que me gerou.

XII

Sustento a custosa vida
De numerosos mortaes,
Mas inda de muitos mais
Sou rigorosa homicida:
Na terra onde fui nascida
Não exerço os meus rigores:
Prêza sirvo a meus senhores,
E que sou melhor se crê,
Quando estou no estado, em que
As mais cousas são peiores.

XIII

Giro ás vezes pelos ares,
Outras pizam-me na terra;
Annuncío a paz e a guerra:
Cruzo reinos, cruzo mares.
Respeitam-me nos altares,
Segredos occulto e espalho:
Animo e poupo o trabalho.
Paes tive abjectos e pobres;
Mas honro ás vezes os nobres,
Outras, grandes sommas valho.

XIV

Tens no corpo um nome, o qual
Adorna em diminutivo,
E no seu augmentativo
Dóe, injuría e faz mal:
Viver não pode o mortal,
Que uma vez chega a perdel-o:
Mostram n'elle alguns o sello
Do trabalho e da velhice:
N'uns mostral-o é peraltice,
N'outros é moda escondel-o.

XV

Se me chamam feminino,
(Segundo certa patranha)
Posso o que pode o destino:
Porém eu sou masculino
E a voz, que ninguem me estranha,
Ou causa á gente alegria,
Ou desgraças enuncia:
E com meu nome na Hespanha
Se affirma, nega e porfia.

XVI

Trago o nome dividido
Em duas partes: Mas uma
No officío está da verruma,
E outra junto a certo ouvido:
Tendo pois o nome unido,
Não se encontra parte alguma
Onde não seja temido.

XVII

Sou boa, e pelo contrario
A gente me denomina,
E inda quando estou malata
O mais sabio em medicina
De sã, por uso, me trata.

XVIII

Inteira causo aos mortaes
Immensas commodidades,
Sem na egreja entrar jámais;
E feita em duas metades
Sirvo em actos funeraes.
Vou aclarar este enygma:
O meu nome se reparte
Quando o cadaver se estima,
Põe-lhe por baixo uma parte,
Lançam-lhe outra parte em cima.

XIX

Sirvo, mas trazem-me núa,
E ha gente, ás vezes, tão má,
Que nem um fio me dá,
Sabendo que a perda é sua:
Fora d'horas pela rua
Sou de muitos precipicio;
Exercendo um baixo officio
O rei á dextra me traz;
Quem me dá cabo, me faz
Não damno, sim beneficio.

XX

Quando abro bôcca sou má,
Calando, o occulto publíco,
Nada me cabe no bico,
Que segredo em mim não ha:
O ferro, e o fogo me dá
O vigor, que em mim se vê;
Mas sou de tão má relé
Que, se occorre occasião,
A quem me pega na mão,
Faço prender pelo pé.

XXI

Dois gemeos um do outro irmão
De outros dois, bons companheiros,
Sem que sejam cavalleiros,
Só a cavallo uteis são:
Um apertado alçapão
Sua morada contém:
Uma só cousa a ser vem;
Porém duas apparecem:
A fallidos favorecem,
Dando aquillo, que não tem.

XXII

Tem-me respeito no paço,
A' meza dos grandes vou,
Muito ás sciencias me dou,
E o rei descança em meu braço;
Ao papa credito faço,
Meu nome a folhinha traz,
Dou honra á Egreja Primaz;
Ser quadrupede não nego,
A's costas gente carrego,
De quem sirvo, fico atraz.

XXIII

Eu sou parente de Adão,
Sem ser sua descendencia;
Apenas tive existencia,
Toquei do Deus vivo a mão:
Na minha transformação
Ouso agua, e fogo abarcar;
Bem que me adorem no altar,
Soffro sobre a terra insultos;
E vem-me desprezo, e cultos,
Segundo a forma, e logar.

XXIV

Se eu tres a dezoito unir,
Dezoito me ficarão,
E só tres me restarão,
Se acaso tres lhe extrahir;
Este resto, que existir,
Pode a natureza ter
Da somma, se eu tal quizer.
O que de esperto se jacta,
Com sete cruzes de prata
Deve esta conta fazer.

XXV

Uma cousa se conhece
Descendente do vagar,
Que sem proceder do mar,
Ao marisco se parece:
Para comer se appetece,
Mas nunca sacia a fome;
Dão-lhe muito sobrenome;
E mil vezes o vilão,
Ou lhe substitue a mão,
Ou por sobre-meza a come.

XXVI

Nem pés, nem cabeça tenho,
O avêsso do que fui sou;
Porém muito inchado estou,
Que em pés de outrem vou, e venho:
Sem que nade, me sustenho
Na superficie dos mares;
Ninguem amo dos meus lares;
Mas existe uma gentinha,
Que une a sua bôcca á minha,
Que por ella bebo os ares.

XXVII

Sou de figura exquisito,
Em pé só não me sustenho;
Quando molestia não tenho,
Sempre o que engulo vomito:
Comi, andei infinito
No tempo, em que era mais moço;
Porém maior, e mais grosso
Hoje nem como, nem ando;
E até me não queixo quando
Me enforcam pelo pescoço.

XXVIII

Não sou rei, nem rei pareço,
Mas tenho o nome de rei;
Posto que mentir não sei,
Em conversando aborreço:
Incommodo, quando creço,
Aos que junto a mim pernoitam;
E ha viventes, que se affoitam,
Quando nú chego a ficar,
A morderem-me o logar,
Onde os rapazes se açoitam.

XXIX

Quando estou muito direito,
Sempre ás mulheres agrado;
Mas estando encambichado,
Não lhes faço nenhum geito:
Por entre as barbas me enfeito
De uma cousa ouca, e rachada,
Que ellas teem muito abafada;
Dependurado me trazem,
Apertos velho me fazem,
Suspiros me dão entrada.

XXX

E' grosso, longo, e furado,
Pinga, mas não se derrete,
Enxuto, e duro se mette,
Tira-se mole, e molhado;
E' á cobra assemelhado,
Mas tem seu que com a espiga,
Penetra até a barriga,
Sacia a vontade á gente;
Porém ser cousa indecente
Não se creia, nem se diga.

XXXI

Chego ao comer, não lhe bulo:
E quando sou obrigado,
Na bôcca metto o boccado,
Porém nem migalha engullo;
Mordem-me, não me estimulo,
Tendo eu bem com que morder;
Fazem-me ao lado trazer
Quasi sempre arma luzente;
Sendo aos vivos pertencente,
Vão-me entre os mortos metter.

XXXII

Precisam do braço meu
Na aldeia, villa, e cidade;
Dou, com justiça, e verdade,
A cada qual o que é seu:
Bem que a terra o ser me deu,
No céo gozo almo luzeiro;
Dou leis quasi ao mundo inteiro
Dos ares, onde trabalho;
Mas de nada, ou pouco valho
Sem um fiel companheiro.

XXXIII

Riquezas não ambiciono,
Mas em guardal-as prosigo;
Defendo bons, máus castigo,
Deus sirvo, e Deus aprisiono:
Guardo a casa de meu dono,
Deixando-a, e indo-me embora;
Em ar de quem me namora,
Essa, em cuja casa estou,
A cada volta, que dou,
Bota uma cousa de fora.

EXPLICAÇÃO DOS ENYGMAS

I. É uma meada de linhas, que depois de perder a côr, pelos tratos que lhe fazem, vae á dobadoura, onde perde nome e figura, por ficar em novello.

II. É a luz artificial, produzida pela collisão ou choque da pederneira e o aço.

III. É um relogio de algibeira.

IV. Um sapato de homem, com fivella.

V. Os olhos.

VI. A cêra, que sendo extrahida das flôres pelas abelhas, e trazida ao logar do enxame, é roubada com um ferro de crestar ou estinhar os favos de mel, fazendo-se-lhe muito fumo para afugentar as abelhas, e a cêra bella ou em bruto vale menos do que a curada.

VII. O pião, que pertence ao reino vegetal por ter maça de páo, e ao mineral por ter o ferrão de ferro; chama-se *dormir*, quando volteia firme em um logar.

VIII. A penna de escrever, que soffre o aparo feito pelo ferro do canivete.

IX. A maçaroca de milho: chama-se *bandeira* áquelle grupo de flôres amarellas e mui pequenas, compostas de muitos estames, que nascem no extremo do talo, em meio de um calice composto de duas folhas; como egualmente se chamam freiras aos grãos de milho que se *lançam* nas brazas e estoiram.

X. Chapéu de homem, composto de pello de certos animaes, que na sua primeira formação é esbranquiçado, e depois se tinge de preto.

XI. O sal, que se satura nas marinhas, sendo a agua salgada muito batida; preserva a carne e o peixe da corrupção, e por fim torna-se em salmoira.

XII. A rêde de pescar, que sustenta o pescador matando o peixe, e que estando rota tem menos buracos do que quando está nova.

XIII. O papel, feito de trapos, e reduzido a dinheiro, ou papel moeda.

XIV. O pescoço, que no seu diminutivo é pescocinho, e adorna, e no augmentativo é pescoção, e faz mal.

XV. O sino, que femenino é sina: dobrando, annuncia tristeza, e repicando, alegria.

XVI. O furacão, palavra que se divide em *fura* e *cão*.

XVII. A maçã, palavra que se reparte em *má* e *sã*.

XVIII. Uma caleça, que se divide em *cal* e *eça*, e assim entra em actos funeraes.

XIX. Uma faca.

XX. Uma faca.

XXI. Uns oculos.

XXII. Uma cadeira.

XXIII. O barro.

XXIV. Dezoito vintens, que unidos a tres cruzados novos produzem dezoito tostões; e extrahindo de dezoito vintens tres tostões ficam tres vintens.

XXV. Uma colher.

XXVI. Um ôdre.

XXVII. Um ôdre.

XXVIII. Um pepino, alludindo ao primeiro rei de França, que tinha este nome.

XXIX. Um fuso de fiar, que estando velho serve para suspiro de barril.

XXX. O macarrão.

XXXI. Um garfo.

XXXII. Umas balanças.

XXXIII. Uma chave de porta.

APOLOGOS

I

O ROUXINOL E A CIGARRA

Nas horas da calma ardente
Um rouxinol sonoroso
Doces gorgeios soltava
Sobre um loureiro frondoso.

Dois pastores que defronte
Á sombra estavam sentados
Seu grato cantico ouviam
Embebidos e encantados.

Eis cigarra presumpçosa,
Que a leda scena observava,
Pousou no extremo do ramo
Onde o rouxinol cantava.

E d'impia inveja mordida
Lhe diz: Teimoso socega,
"Que das aves importunas
"És o maior cegarrega.

"Incessante dia e noite
"Atrôas todo este prado:
"*Com* teus dissonantes guinchos
"*Tens-me* os ouvidos quebrado.

"Attento um pouco me escuta
"Se cantar melhor pretendes,
"Que inda que tens a voz rouca
"Ao menos o estylo aprendes.

O doce musico alado,
Sem dar assenso á invejosa,
Proseguiu com mais doçura
Na cantilena saudosa.

Ella então por vêr se acaso
O turbava e confundia
A cantiga estrugidora
Fervorosa principia.

Um dos pastores irado
Contra a louca impertinente
Diz: Aguarda, toma o premio,
"De cantiga tão cadente.„

Ergueu-se e com mão tão certa
Lhe atira uma torroada
Que a mal fadada cantora
Cahiu por terra esmagada.

Se a inveja assim castigassem
Não seriam turbadoras
Dos rouxinoes do Parnaso
Cigarras estrugidoras.

II

O TOURO E O LEÃO

Vendo um touro, que tragava
Torvo leão certa rez,
Assim o increpa: "Essa triste,
"Que mal, ó impio, te fez?

"As garras em sangue ensopas,
"Esmeras-te em fazer mal,
"Manter não podes a vida
"Sem que pereça um mortal?

“Toma exemplo em mim que pasto
“As hervas, que os prados tem,
“Que posso estear meus dias
“Sem fazer mal a ninguem.„

“Ora o mundo está perdido:
“Ninguem (lhe torna o leão)
“Vê a tranca nos seus olhos,
“É bem certo este rifão.

“Se para manter a vida
“Sou dos viventes algoz,
“Cumpro á risca uma lei dura,
“Que a natureza me impoz.

“De buscar a subsistencia
“Temos justa obrigação:
“Eu se mato é por manter-me
“Logo o que obro é com razão.

“Mas tu que d'hervas te nutres,
“Não precisas fazer mal,
“Comtudo em teus páus cruentos
“Dás fim a tanto mortal.

“Reflecte, qual de nós ambos
“Deve o nome de impio ter,
“Se tu, que matas por gosto,
Se eu, que mato por comer.

“Para increparmos os outros
“Sempre buscamos razão.
“Sem vermos, que ás vezes somos
“Peiores do que elles são.„

III

O PASTOR E O LOBO

Um lobo velho e sabido
Por malfeitor conhecido,
Um dia tendo observado
Em densa moita escondido

D'um cão que guardava o gado
A vida farta e ociosa,
Cheio de inveja e de enfado
Assim ergue a voz queixosa:
"Quanto infausto me imagino
"Se com a d'este rafeiro
"A minha sorte combino,
"Elle dorme o dia inteiro,
"Dorme a noite socegado;
"Eu se durmo algum bocado
"É com sustos, com temores;
"Elle vive entre os pastores,
"É querido, é estimado,
"Eu por todos sou odiado
"Vivo errante e perseguido
"Pelas brenhas escondido:
"Elle a farto sempre come,
"Eu por vida trago fome:
"Qual será pois o motivo
"De eu viver no mal que vivo,
"E elle em dita e bem tamanho?
"Talvez é, porque elle austero
"Guarda as rezes do rebanho?
"E eu se algum cordeiro apanho
"Logo o mato e dislacero?
"D'aqui vem ser elle tido
"Por fiel, por comedido
"E eu por máu, por impio e fero:
"Não, de vida mudar quero,
"Que já basta de andar n'isto:
"C'os zagaes d'esta espessura
"Passo a vêr se me bemquisto,
"E se obtenho tal ventura,
"Qual obtem este rafeiro,
"Se topar algum cordeiro
"Do rebanho tresmalhado,
"Hei de têl-o aprisionado
"Té que venha o pegureiro
"Para vêr que eu não apanho,
"Antes guardo o seu rebanho."
Disse, e logo apressurado
Sae da moita onde jazia.
Muito andado não teria

Quando tópa n'um vallado
Um cordeiro desgarrado,
N'elle salta, eis o segura,
E que o veja alguem procura
Como tinha projectado,
Por mostrar aos camponezes,
Que tão bem lhes zela as rezes.
Ora a fome que trazia,
Que o tragasse lhe pedia:
Mas a dita que esperava
Os desejos lhe abafava;
N'isto assoma o pegureiro
Em procura do cordeiro:
Topo o lobo, e cego d'ira
Sem cessar pedras lhe atira:
Eis o triste que o esperava
Sem fugir para elle olhava,
Como quem dizer queria,
Que elle o gado não comia
Antes fido lh'o guardava;
Mas no meio do conflicto
O pastor feroz tomando
A virtude por delicto,
Sobre o misero saltando
Um tal golpe lhe desfeixa,
Que no chão por morto o deixa.
Que as acções mais virtuosas
Dos máus, por máus conhecidos,
Para os olhos prevenidos
Sempre são más, sempre odiosas.

IV

O POMBO E A RAPOSA

Certo colono creava
Com terno amor um pombinho,
Que implume tirou d'um ninho,
Que n'uma oliveira estava.

N'um sotão espaçoso o tinha
De arame engradado todo,
Comer lhe deitava a rodo,
E em tratal-o se entretinha.

Reflectindo, que seria,
Viver só, cousa penosa,
Alva pombinha amorosa
Lhe deu para companhia.

O terno pombo gosava
De immensa felicidade,
Que á excepção da liberdade,
Tinha quanto desejava.

Mas d'este bem descontente
Em dura mágua vivia;
Junto á grade noite e dia
Fugir buscava impaciente.

Se vinha a esposa intentando
Beijal-o, tinha bicadas,
Ferviam d'aza as pancadas,
Dando voltas e arrulando.

Quando algum seu companheiro
Os ares cortando via,
Tristes lamentos fazia
Chorando o seu captiveiro.

Mas descuidou-se uma vez
O dono indo a porta abrir,
Elle achou léo de fugir,
E eterna surtida fez.

N'um verde apartado outeiro
As leves azas fechando,
Entrou n'um bravio bando
De pombos por companheiro.

Alli trístezas morrêram,
Fugiram males antigos,
Inda que os novos amigos
Á pancada o recebêram.

Eis passado um breve espaço,
Quando estava mais contente,
Viu cahir incautamente
Um companheiro n'um laço.

Emquanto o pobre adejava,
Fugia o bando medroso;
Mas troou tiro horroroso,
Que dois por terra lançava.

O nescio pombinho anciado
Nem de susto bem resfolga,
Quando o fero açor empolga
Um que ficava ao seu lado.

De horror cheio os vôos ergue,
E entrando em moita soturna,
Vae-se esconder n'uma furna
De velha raposa alvergue.

N'aquella horrenda espelunca
A noite e o dia consome,
Sem vêr luz, morto de fome,
E inda mais preso que nunca.

Já d'horrores combatido
O antigo estado appetece,
Que o bem nunca se conhece
Senão depois de perdido.

Vendo perto a dura morte
Clamou: «Já venturas tive;
«Mas ninguem contente vive
«Com sua boa ou má sorte.

«No meu estado feliz
«O alheio estado invejei,
«O bem pelo mal troquei.
«Por gosto infortunios quiz.

«Ó liberdade, ó negaça
«De tanto infausto vivente,
«A tua dita apparente
«Sempre termina em desgraça.»

Emtanto que assim clamava
Entra a dona do aposento,
Que em vão buscando sustento
Havia tempos que andava.

Mas porque n'elle achou falha
Tinha occupado as amigas,
Que todas lhe deram figas,
Mas de comer nem migalha.

As orelhas pondo fitas
Lança a vista ao camarada,
E, de vêr, toda admirada
Diz: "Ui temos cá visitas!

"Ao lar alheio abastado
"Fui pedir, envergonhei-me,
"Vim ao meu remedeei-me:
"Não ha mais certo ditado."

Depois ao triste chegando
Fez-lhe grande cortezia,
E estas lérias lhe dizia
Da cauda a ponta abanando:

"Se eu ha mais tempo soubera
"Quem este albergue me honrava,
"Ao meu dever não faltava,
"Mais cedo vindo tivera.

"Mas perdôe a grosseria
"D'esta sua apaixonada,
"Que gente em montes creada
"Não pode ter cortezia.

"Diga-me, a sua senhora
"Onde ficou, foi na rus?
"Pois esta casa era sua,
"Não fez bem ficar lá fóra.

"Cá uma visita ou duas
"Não faz nenhum embaraço:
"Mas vamos, venha esse abraço,
"Que tenho saudades suas."

N'isto ao pombinho se avança,
Que em vão por fugir-lhe adeja:
Ella salta, ella forceja
Até que as unhas lhe lança.

E diz: "Ú cão mal creado:
"Pedir-lhe, á perto d'hum'hora,
"Um abraço uma senhora,
"E moita ficar parado!

"Ora ande, leve esta esmolla
"Para não ser desattento:„
Eis o abóca, e n'um momento
Lhe deu no buxo gaiola.

Quem no seu ditoso estado
Deixa de ter permanencia,
Não crimine a Providencia
Se tiver fim desgraçado.

V

A RAPOSA E O LOBO

"Compadre, (contam que ao lobo
Disse a raposa uma vez)
"Pari dois filhos, e agora
"Não m'os comas por quem és.

"Não, comadre, está segura
(Logo o lobo lhe tornou)
"Que nunca em damno de amigos
"O meu dente se embotou.

"Lembra-me inda aquelle inverno,
"Em que tão doente andei,
"Que dos teus roubos e traças,
"Comadre, me sustentei.

"Mas é preciso que d'elles
"Me dês agora os signaes,
"Para isental-os da morte
"Quando fôr comer os mais.„

De gosto com tal promessa
A raposa regougou;
E catando-lhe umo orelha
D'esta sorte lhe falou:

"De todos os rapozinhos,
"Que has de, compadre, encontrar,
"Os mais nedios, mais formosos
"São os meus não tens que errar."

Com estes signaes sómente
O lobo se despediu;
E logo em busca de presa
Ás vastas brenhas partiu.

Em uma idionda furna
Aonde a fome o levou,
Mui feios, sujos e aguados
Dois raposinhos achou.

"Não são os da minh'amiga
"Pelos signaes que me deu."
Disse: e lançando-lhe as garras
Ambos matou e comeu.

Eis entra a raposa, e clama
Vendo o successo: "Aí de mim!
"Ai de mim! negro compadre,
"Que aos filhos meus déste fim.

"Tão incessante rogar-t'o
"Ai triste! não me valeu."
Mas n'isto o prudente lobo
Severo lhe respondeu:

"Pelos signaes que me déste,
"Os teus filhos não comí:
"E se estes eram teus filhos

"Então queixa-te de ti.
"O muito que tudo nosso
"Com excesso nos apraz,
"Quasi sempre é quem no mundo
"Mil prejuizos nos faz."

VI

O GATO, O CÃO, E O RATO

A' volta do dia
Da fome obrigado,
Medroso sahia
Ratinho esfaimado
Da toca sombria.

Aprouve á desgraça,
Que um gato daninho,
Que alli veiu á caça,
Do triste ratinho
Cruel preza faça.

Os dentes roedores
Feroz lhe cravava:
Envolto em suores
O triste clamava
Chiando co'as dôres:

"E' crime execrando
"Buscar o sustento?"
O gato rosnando:
"E'"; disse, e cruento
O foi lacerando.

Um cão que escutava
A queixa sentida,
Que as almas cortava,
No fero homicida
Os dentes ferrava.

O qual sem alento
"Cruel, lhe dizia,
"Porque és tão cruento?
"Foi crime algum dia
"Buscar o sustento?

O cão no conflicto
Lhe diz "Melhor pensa
"No teu proprio dicto,
"Tu déste a sentença,
"Eu puno o delicto."

"Roubaste uma vida,
"Não peças desculpa:
"Que além de homicida,
"Réo fôste da culpa,
"Que deixas punida.

"Se quando intentasses
"Qualquer acção dura,
"Por ti te julgasses,
"Egual desventura
"Talvez não provasses."

VII

OS RAFEIROS, E O GOSO

Morreu um nedio cabrito,
E o guardador dono d'elle,
Depois de tirar-lhe a pelle,
Aos cães no campo o deitou.

Logo d'um monte chegado
Tomando os ventos, e o cheiro,
Veiu um possante Rafeiro
Que da preza se apossou.

Depois um goso chegando
Quiz tambem ser camarada;
Mas levou tanta dentada,
Que na empreza desmaiou.

Ganindo, e lambendo os beiços
Poz-se de parte sentado,
Até que desenganado
Outro partido buscou.

Foi-se ao casal mais vizinho,
E ao cão que guardava a porta
De que havia uma rez morta
N'aquelle campo, avisou.

Sem que a nova agradecesse
O convidado rafeiro,
Atraz do goso matreiro
De corrida caminhou.

Eis que á preza se aproxima
Ladrando, e os ares mordendo;
Mas o que estava comendo
Adeante se atravessou.

Mostrando os mordazes dentes
Um ao outro, se avizinha,
E entre o que estava, e o que vinha
Pendencia atroz se travou.

Eil-os nas pernas se empinam,
Salto agora, agora tombo,
Dentes ferrados no lombo
Largou este, este filou.

Em tanto o ladino goso
Esta aberta aproveitando,
Nos restos da rez saltando
Nem migalha esperdiçou.

Depois de bem lacerados
Os dois á preza voltaram;
Mas só o sitio lhe acharam,
Que nada o goso deixou.

Ah! quantos d'estes exemplos
Não vemos na redondeza
Depois que a torpe avareza
Seu veneno propagou.

Emquanto se debelalram
Outro, e tu n'um pleito odioso,
Houve quem foi mais doloso,
Que sem nada ambos deixou.

VIII

O PAVÃO E O BURRO

Um pavão, e um burro annoso,
N'um outeiro se encontraram,
E não sei em qual das linguas
Larga conversa travâram.

O pavão em seu abono
Mil cousas trazendo á balha,
(1) D'Argos não lhe esquece a historia
Nem o successo da gralha (2).

Atraz não ficando o burro,
D' um seu parente lhe conta,
Que deu n'um leão dois couces (3)
Por despicar certa affronta.

Com estas, e outras conversas
Travaram mutua amizade,
Na qual o tolo sendeiro
Tinha a mais nescia vaidade.

Sómente pelos influxos
Da companhia em que andava,
De que era burro esquecido,
Outro pavão se julgava.

A cabeça arribitando
O pescoço entumecia,
E sobre as peladas ancas
Da caüda as sêdas abria.

(1) V. Ovid. Meth. L. I.
(2) V. Fedro Fabula III, *Graculus superbus.*
(3) V. Fedro Fabula XXI. *Leo senio confectus.*

Em tão celebre figura
De muitos seus camaradas,
Ou por tolice, ou por mofa
Levava mil pavonadas.

O pavão vendo taes fumos
Lograva o pobre sendeiro,
E as mais das noites fazia
Do seu costado poleiro.

Um dia estando ambos juntos
Sobre um ingreme rochedo,
O pavão soltando as azas
Vôa sobre um arvoredo.

O burro que atraz não fica
O amigo imitar querendo,
Solta-se e entra a dar aos braços
Tambem voar pretendendo.

Do cimo do alto rochedo
Cahindo precipitado,
Baqneia na terra dura,
Onde fica arrebentado.

Nescio imitador, sentido,
Se falto de azas te sentes,
Porque vês voar os outros,
Voar tambem não intentes.

De exemplo o burro te sirva,
Modera a tua afoiteza;
Transpôr as metas não ouses,
Que te poz a natureza.

FIM

INDICE